

ANEXO A – Reportagem da Revista Aprende Brasil



*Mapa da educação inclusiva, apurado pela  
Revista Aprende Brasil, revela onde está e para onde  
caminha o processo de inclusão nas escolas brasileiras*



por Luciana Zenti

**T**alvez a inclusão ainda não tenha chegado à sua sala de aula, nem você tenha tido a experiência de lecionar para um aluno com deficiência física ou mental. Mas é bom estar preparado. Hoje, a inclusão não apenas está batendo à porta das escolas, como já chegou às carteiras. De 1998 para cá, houve um crescimento de 150% no número de matrículas de alunos com algum tipo de necessidade especial.

Atualmente, já são mais de 500 mil alunos especiais matriculados e 34% deles estão em salas de aula regulares. A idéia não é mais julgar se a educação inclusiva deve acontecer ou não. Ela é realidade, e a questão agora é discutir qual a melhor maneira de fazer com que toda a estrutura escolar adapte-se a esse novo aluno.

Um dos grandes desafios é garantir que o corpo docente acredite na inclusão e encare de frente as diferenças na sala de aula. "A idéia é que as escolas revejam suas metodologias", afirma Rosana Glat, doutora em Psicologia e professora da Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), onde leciona nas áreas de Educação Especial e Educação Inclusiva. "Não é o aluno com necessidades especiais que deve se adaptar à escola, o ambiente educacional é que tem que mudar", concorda a secretária de Educação Especial do Ministério da Educação, Cláudia Pereira Dutra.

No entanto, não são raros os casos de professores que desanimam e chegam a duvidar da eficiência da educação inclusiva. Segundo Rosana, a queixa procede, já que as leis vieram

antes dos recursos para viabilizar a inclusão. A boa notícia é que, nos últimos anos, o trabalho em prol da educação inclusiva tem avançado cada vez mais e várias experiências já têm provado que há meios para que ela seja viabilizada.

Esse é o caso da **Escola Municipal de Ensino Fundamental Dora Abreu, em Cachoeira do Sul, no Rio Grande do Sul**. Hoje, ela abriga 238 alunos, sendo dois deles com deficiência mental e outros três com problemas auditivos. Todos, diga-se de passagem, muito bem integrados ao grupo e aos professores. Como o aluno Rogelmo Goulart, da turma de Educação de Jovens e Adultos, que aparece na foto desta reportagem.

"Muito de nosso sucesso é reflexo do trabalho em equipe. Fazemos reuniões periódicas para que os profes-

sores troquem idéias, e a direção apóia fornecendo material e sugerindo atividades", reforça a orientadora educacional Maria Vaneza Ramos Nunes.

Iniciativas como essa oferecem segurança para que os professores desempenhem seu papel, criando um ambiente agradável e de ajuda mútua. Dentro do próprio horário de trabalho, eles têm a oportunidade de investir na formação continuada por meio dos momentos de estudo e leitura de textos específicos. O resultado é que a rotatividade de profissionais no Dora Abreu é muito pequena.

"Quando recebemos um novo professor, concentramos nossos esforços para que ele rapidamente se integre, oferecendo preparo e assessoria nas atividades que ele faz na sala de aula", explica a diretora Maria Eunice Balardim. ♦♦



Edson Vez

Rogelmo, de traje típico gaúcho, e os alunos do Dora Abreu: ambiente favorece a integração e a aprendizagem



A diretora Maria Eunice Balardim, ao lado de Rogelmo: "A inclusão se faz na prática"

Para chegar a esse ponto, no entanto, foi preciso suar muito o guarda-pó. Quem conta é a diretora, que está na escola há quase 20 anos. Em 1985, logo que chegou como professora, recebeu em sua turma um aluno surdo-mudo. Uma época em que ainda nem se ouvia falar em inclusão. "Quando recebemos o rapaz, não sabíamos nada. Na verdade, achávamos que não era nossa função, porque havia as escolas especiais", conta Eunice.

Toda a escola se uniu para encontrar uma solução. Começaram, então, a participar de reuniões na APAE (Associação

de Pais e Amigos dos Excepcionais) e na APADA (Associação de Pais e Amigos dos Deficientes Auditivos). Além disso, encontraram apoio em uma escola estadual próxima, que tinha uma classe de atendimento a deficientes auditivos e, toda semana, dava algumas dicas de como lidar com o aluno. De resto, foi só ter boa vontade e usar a criatividade. "Como não dominávamos a linguagem dos sinais, o aluno fazia anotações em papel para se comunicar conosco", lembra Eunice.

O resultado de tanto esforço não podia ser melhor. "Tivemos que repensar

a escola. Antes, seguíamos à risca os conteúdos, e, agora, procuramos trazer a vivência do aluno para a sala de aula", explica Vaneza. Hoje, não há mais alunos fora da faixa etária nas séries iniciais e os casos de indisciplina e repetência diminuíram bastante. Também foi preciso mudar a avaliação. "Antes, o foco era a nota. Passamos a fazer uma avaliação diária, baseada no potencial do aluno", explica a orientadora educacional. O aluno faz, inclusive, uma auto-avaliação, que é comparada às impressões do professor e do conselho de classe.

Outra iniciativa foi encerrar a inclusão de forma mais ampla, entendendo que cada um dos alunos – portadores ou não de deficiências – deve ter suas diferenças de aprendizagem e comportamento levadas em consideração. "O professor, no contexto de uma educação inclusiva, precisa ser preparado para lidar com a singularidade e a diversidade de todas as crianças", explica Rosana.

"E nisso estão incluídos também os casos de fracasso escolar ou situações de risco", completa. No Dora Abreu, por exemplo, grande parte da comunidade é formada por alunos negros. Uma das atividades desenvolvidas na escola é a Semana da Cultura Negra, que procura valorizar as origens de cada aluno.

## Inclusão para todos

Não se pretende apenas colocar o aluno especial em sala de aula e ignorar a necessidade de um apoio especializado. A inclusão, como frisam alguns autores, deve ser feita para cada um, oferecendo acompanhamento, para que a criança possa se desenvolver melhor.

Uma das propostas debatidas em novembro no Congresso Nacional das APAEs foi a de tirar proveito da experiência que estas têm para auxiliar as escolas regulares. Seja por meio da formação continuada de professores, recursos pedagógicos ou aulas de reforço no contraturno.

"A mudança de paradigma está no papel que o especialista das classes especiais exerce. Na escola inclusiva, ele atua como suporte para o professor regular e não em substituição a este", destaca Rosana. Dessa forma, é possível lançar mão da ajuda que está próxima e fazer com que professores capacitados a trabalhar com alunos especiais e professores de classes regulares caminhem juntos. Uma experiência que tem sido desenvolvida com bastante sucesso em alguns estados é a do "professor itinerante", um serviço de orientação e supervisão pedagógica às escolas que possuem alunos incluídos. O profissional atua junto ao professor e aos alunos, dando suporte teórico e prático.

Enquanto isso, o MEC continua a fazer sua parte: "Na última década, houve uma mudança de conceito. Hoje, há uma série de políticas públicas que têm como objetivo a inclusão, a formação de professores e o preparo das escolas", afirma a secretária de Educação Especial. Para conhecer esses programas, acesse o site [www.mec.gov.br/seesp/acoes.shtm](http://www.mec.gov.br/seesp/acoes.shtm) ♦♦



Rogelmo prova que o convívio de aluno especial em escola regular é possível

## EM SALA DE AULA

Algumas dicas simples podem ajudar a lidar com as diferenças de aprendizagem:

- Promova trabalhos em grupo e atividades que possibilitem diferentes níveis de desempenho dos alunos.
- Durante as aulas, favoreça a oportunidade de eles experimentarem, criarem e fazerem descobertas, para que possam construir seu conhecimento.
- Elabore debates, pesquisas e registros escritos.
- Avalie o desenvolvimento da turma a partir da evolução das competências.
- Fortaleça o processo de cooperação entre os alunos, pois, ao auxiliar seus colegas, eles estarão aprendendo.
- Diversifique as metodologias aplicadas.

## VOCÊ SABIA QUE...

- O Brasil possui cerca de 6 milhões de crianças e jovens de 7 a 14 anos com necessidades educacionais especiais, segundo dados da Secretaria de Educação Especial do Ministério da Educação.
- No Brasil, há matriculados 566.034 alunos com algum tipo de deficiência (visual, auditiva, física ou mental). Do total, cerca de 34% frequentam escolas que oferecem o ensino regular. Em 1998, eram 13%. O restante está em escolas ou salas especiais.

## SAIBA ONDE BUSCAR AJUDA

Participar da inclusão de alunos especiais é um desafio. Mas ele pode ser vencido e trazer ótimos resultados. Para isso, há muita gente interessada em ajudar:

- Ministério da Educação – Em caso de dúvida, ligue para 0800 61 6161 ou para a Secretaria de Educação Especial: (61) 2104-8651.
- Secretarias Estaduais de Educação – Estão aptas a fornecer informações sobre assuntos relacionados à educação especial.
- Laboratório de Estudos e Pesquisas em Ensino e Diversidade: (19) 3788-5586, [www.fae.unicamp.br/leped](http://www.fae.unicamp.br/leped) ou e-mail: [tmantoan@unicamp.com.br](mailto:tmantoan@unicamp.com.br)

## PARA LER

- *Questões Atuais em Educação Especial*, Rosana Glat (Editora 7 Letras)
- *A Integração Social dos Portadores de Deficiência: uma Reflexão*, Rosana Glat (Editora 7 Letras)
- *Inclusão: Construindo uma Sociedade para Todos*, Romeu Kazumi Sassaki (Editora WVA)

### Aprenda mais...

Escola Municipal de Ensino Fundamental Dora Abreu  
Rua José Marcelino de Carvalho, s/nº

Cachoeira do Sul (RS)

Telefone: (51) 3724-5924

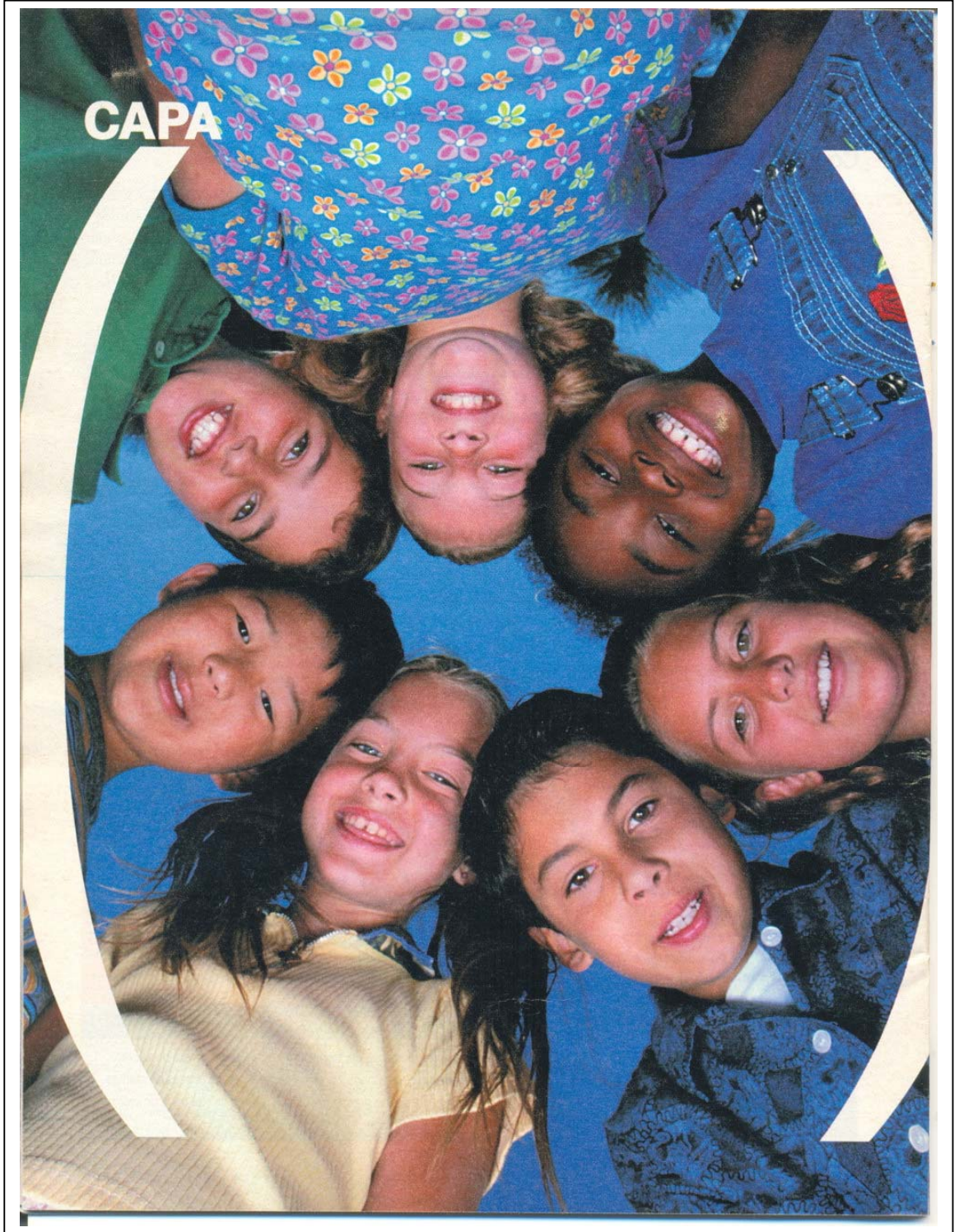
Sites interessantes:

Dicionário Digital da Língua Brasileira de Sinais – [www.ines.org.br/libras/index.htm](http://www.ines.org.br/libras/index.htm)

Dirigentes da Educação Especial nos Estados – [www.mec.gov.br/seesp/dirigentes.shtm](http://www.mec.gov.br/seesp/dirigentes.shtm)

Instituto Nacional de Surdos (INES) – [www.ines.org.br](http://www.ines.org.br)

ANEXO B – Reportagem da Revista Nova Escola



**inclusão**  
**que funciona**

*Mais do que criar condições para os deficientes, a inclusão é um desafio que implica mudar a escola como um todo, no projeto pedagógico, na postura diante dos alunos, na filosofia...*

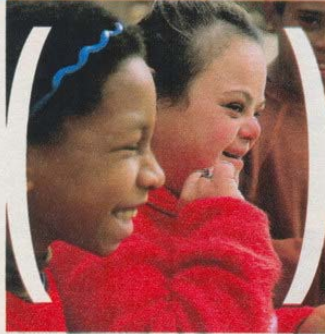
Arthur Guimarães

Valorizar as peculiaridades de cada aluno, atender a todos na escola, incorporar a diversidade, sem nenhum tipo de distinção. Nunca o tema da inclusão de crianças deficientes esteve tão presente no dia-a-dia da educação – e isso é uma ótima notícia. Tal qual um caleidoscópio, que forma imagens com pedras de vários tamanhos, cores e formas, cada vez mais professores estão percebendo que as diferenças não só devem ser aceitas, mas também acolhidas como subsídio para montar (ou completar) o cenário escolar. E não se trata apenas de admitir a matrícula desses meninos e dessas meninas – isso nada mais é do que cumprir a lei. O que realmente vale (e, felizmente, muitos estão fazendo) é oferecer serviços complementares, adotar práticas criativas na sala de aula, adaptar o projeto pedagógico, rever posturas e construir uma nova filosofia educativa. ▶

ESCOLA SETEMBRO 2003 43

CAPA

# Inclusão



## Mudar é difícil, mas compensa

Essa mudança é simples? É claro que não. Na verdade, ainda é difícil encontrar professores que afirmem estar preparados para receber em classe um estudante deficiente. A inclusão é um processo cheio de imprevistos, sem fórmulas prontas e que exige aperfeiçoamento constante. "Do ponto de vista burocrático, cabe ao corpo diretivo buscar orientação e suporte das associações de assistência e das autoridades médicas e educacionais sempre que a matrícula de um deficiente é solicitada", explica Cláudia Dutra, secretária de Educação Especial do Ministério da Educação.

"Do ponto de vista pedagógico, a construção desse modelo implica transformar a escola, no que diz respeito ao currículo, à avaliação e, principalmente, às atitudes", complementa Maria Teresa Mantoan, coordenadora do Laboratório de Estudos e Pesquisas em Ensino e Diversidade da Universidade de Campinas. "Não podemos continuar segregando essas crianças em escolas especiais, que oferecem um ensino pouco estimulante." Quem enfrenta o desafio garante: quando a escola muda de verdade, melhora muito, pois passa a acolher melhor todos os estudantes (até os considerados "normais"). ▶

## Onde estudam os deficientes

Há 110 mil alunos com alguma deficiência estudando em escolas regulares, segundo o Inep. O Censo 2002 mostra que a inclusão vem ganhando espaço – desde 1998, aumentou 135% –, mas ainda é minoria. Cerca de 340 mil crianças com deficiência – a mental é a mais comum, seguida da auditiva, da visual e da física – estão segregadas.

## Cuidados diferentes para cada deficiência

Na educação inclusiva não se espera que a pessoa com deficiência se adapte à escola, mas que esta se transforme de forma a possibilitar a inserção daquela. Para isso, algumas orientações são úteis. As que estão a seguir mesclam informações do kit Escola Viva, criado pelo MEC em conjunto com a associação Sorri Brasil, com indicações elaboradas pela Procuradoria Federal dos Direitos do Cidadão. Vale lembrar que os serviços de apoio não substituem o professor da escola regular.

### Auditiva

#### Sempre fale de frente

A escola precisa providenciar um instrutor para a criança que não conhece a Língua Brasileira de Sinais (Libras), mas cujos pais tenham optado pelo uso dessa forma de comunicação. Esse profissional deve estar disponível para ensinar os professores e as demais crianças. O ideal é ter também fonoaudiólogos disponíveis.

#### Sugestões:

- 1• Consiga junto ao médico do estudante informações sobre o funcionamento e a potência do aparelho auditivo que ele usa.
- 2• Garanta que ele possa ver, do lugar onde estiver sentado, seus lábios. Ou seja, nunca fale de costas para a classe.
- 3• Solicite que o estudante repita suas instruções para se certificar de que a proposta foi compreendida.
- 4• Use representações gráficas para introduzir conceitos novos.
- 5• Oriente o restante da classe a falar sempre de frente para o deficiente.

## Visual

### Material específico

A escola deve solicitar à mantenedora o material didático necessário – regletes (régua para escrever em braille) e soroban –, além da presença de um profissional para ensinar a criança cega, os colegas e os professores a ler e escrever em braille. O deficiente deve contar com tratamento oftalmológico e receber, na rede ou em instituições especializadas, instruções sobre mobilidade e locomoção nas ruas. Deve também conhecer e aprender a utilizar ferramentas de comunicação, como sintetizadores de voz que possibilitam ao cego escrever e ler via computador. Em termos de acessibilidade, o ideal é colocar cercados no chão, abaixo dos extintores de incêndio, e instalar corrimão nas escadas.

### Sugestões

- 1- Pergunte ao aluno e à família quais são as possibilidades e necessidades dele.
- 2- A melhor maneira de guiar o cego é oferecer-lhe o braço flexionado, de forma que ele possa segurá-lo pelo cotovelo.
- 3- Descreva os ambientes com detalhes e não mude os móveis de lugar com frequência. Os recursos didáticos aconselhados são: lupa, livro falado e materiais desportivos como bola de guizo.
- 4- Busque na turma colegas dispostos a ajudá-lo.
- 5- Substitua explicações com gestos por atividades em que o deficiente se movimente. Por exemplo: forme uma roda com a criançada para explicar o movimento de translação da Terra.

## Física

### Adaptar os espaços

Toda escola precisa eliminar as barreiras arquitetônicas, mesmo que não tenha jovens com deficiências matriculados. As adaptações do edifício incluem: rampas de acesso, instalação de barras de apoio e alargamento das portas. No caso de haver deficientes físicos nas classes, a modelagem do mobiliário deve levar em conta as características deles. Entre os materiais de apoio pedagógico necessários estão pranchas ou presilhas para prender o papel na carteira, suporte para lápis, computadores que funcionam por contato na tela e outros recursos tecnológicos.

### Sugestões:

- 1- Pergunte ao aluno e à família que tipo de ajuda ele precisa, se toma medicamentos, se tem horário específico para ir ao banheiro, se tem crises e que procedimento adotar se isso ocorrer.
- 2- Aqueles que andam em cadeira de rodas precisam mudar constantemente de posição para evitar cansaço e desconforto.
- 3- Informe-se sobre a postura adequada do aluno, tanto em pé quanto sentado, e garanta que ele não fuja dela.
- 4- Se necessário, fixe as folhas de papel na carteira usando fita adesiva. Os lápis podem ser engrossados com esparadrapo para auxiliá-lo na escrita, caso ele tenha pouca força muscular.
- 5- Ouça com paciência quem tem comprometimento da fala e não termine as frases por ele.

## Mental

### Tarefas individuais

Geralmente os deficientes mentais têm dificuldade para operar as idéias de forma abstrata. Como não há um perfil único, é necessário um acompanhamento individual e contínuo, tanto da família como do corpo médico. As deficiências não podem ser medidas e definidas genericamente. Há que levar em conta a situação atual da pessoa, ou seja, a condição que resulta da interação entre as características do indivíduo e as do ambiente. Informe-se sobre as especificidades e os instrumentos adequados para fazer com que o jovem encontre na escola um ambiente agradável, sem discriminação e capaz de proporcionar um aprendizado efetivo, tanto do ponto de vista educativo quanto do social.

### Sugestões:

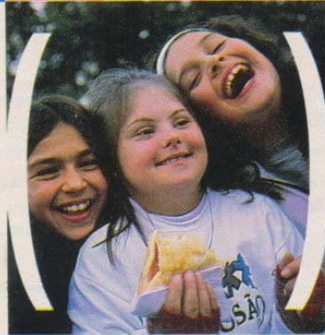
- 1- Posicione o aluno nas primeiras carteiras, de forma que você possa estar sempre atento a ele.
- 2- Estimule o desenvolvimento de habilidades interpessoais e ensine-o a pedir instruções e solicitar ajuda.
- 3- Trate-o de acordo com a faixa etária.
- 4- Só adapte os conteúdos curriculares depois de cuidadosa avaliação de uma equipe de apoio multiprofissional.
- 5- Avalie a criança pelo progresso individual e com base em seus talentos e suas habilidades naturais, sem compará-la com a turma.





CAPA

# Inclusão



## Todos juntos, sem preconceito

Em 1999, a Secretaria Municipal de Educação de Sorocaba, a 120 quilômetros de São Paulo, acabou com as classes especiais e passou a matricular todos no sistema regular de ensino. Para auxiliar o processo, foram criados o Núcleo de Capacitação para o Ensino Fundamental – composto por supervisores, coordenadores e professores formadores que promovem o treinamento continuado do quadro docente – e a Seção de Apoio Psicológico e Terapêutico – responsável pelo atendimento extracurricular dos alunos.

Hoje a rede municipal conta com 304 estudantes deficientes, de um total de 40 mil matriculados em 124 unidades. “Desde o início do projeto, o índice de evasão diminuiu e o preconceito foi podado pela raiz”, comemora Teresinha Del Cístia, a atual secretária de Educação. Veja as principais medidas que garantem o sucesso da proposta:

- Estímulo para que as escolas elaborem sua proposta pedagógica, diagnosticando a demanda por atendimento especial.
- Criação de um currículo que reflita o meio social.
- Apoio à descentralização da gestão administrativa.
- Oferta de transporte escolar para todos.

## O que dizem as leis

A Constituição garante a todos o acesso à escola. “Toda unidade deve atender aos princípios legais e não pode excluir ninguém”, explica Eugênia Fávero, procuradora dos Direitos do Cidadão de São Paulo. A legislação mais recente sobre o assunto é a Convenção de Guatemala. O documento, promulgado no Brasil por decreto de 2001, reafirma que as pessoas com deficiência têm os mesmos direitos e liberdades que as demais.

## Muito mais que integração

A inclusão de estudantes com deficiência nas classes regulares representa um avanço histórico em relação ao movimento de integração, que pressupunha algum tipo de treinamento do deficiente para permitir sua participação no processo educativo comum. “A inclusão postula uma reestruturação do sistema de ensino, com o objetivo de fazer com que a escola se torne aberta às diferenças e competente para trabalhar com todos os educandos, sem distinção de raça, classe, gênero ou características pessoais”, explica Cláudia Dutra, secretária de Educação Especial do MEC. Por isso, reforça ela, todas as crianças que estão nas escolas especiais têm o direito constitucional de entrar no sistema regular, em turmas condizentes com sua idade.

## Agora, as aulas fazem sentido

Era rotina. Durante as aulas, enquanto a professora Marta Seibert explicava os conteúdos, Shaiane Esdral, 16 anos, levantava-se da carteira e saía em direção ao pátio. “Tchau”, dizia a menina, sorrindo. Todos pensavam que era uma manifestação atípica causada pela síndrome de down. E lá iam professores e coordenadores tentar resgatar a jovem. “Foi então que eu percebi. O problema não estava nela, mas no meu jeito de dar aula”, afirma a professora da 4ª série da Escola Municipal Dora Abreu, em Cachoeira do Sul, a 200 quilômetros de Porto Alegre. O ensino não fazia sentido para a classe. Sua didática era mecânica e não cativava. “Só que a maioria, por comodidade, fingia que estava tudo bem.”

Relatos como o de Marta são comuns na escola, que atende outra menina com síndrome de down, Vanessa Pereira, 18 anos. “Essas garotas transformaram nossa realidade ao revelar que o fazer pedagógico estava falho.

### Como obter ajuda

Se você passar a ter um aluno deficiente em classe – e não recebeu formação para incluí-lo –, comece por contatar a mantenedora da escola. As redes estaduais e o Ministério da Educação contam com estrutura e podem auxiliar o corpo docente e as famílias dessas crianças e jovens. Prefeituras podem solicitar os serviços em sistema de cooperação ou buscar ajuda nas associações especializadas. Na internet, você encontra as associações especializadas pelo Brasil no site [www.entreamigos.com.br/links.html](http://www.entreamigos.com.br/links.html). Na rede, também é possível saber quem é o dirigente de Educação Especial em seu estado. Para isso, basta acessar o endereço [www.mec.gov.br/seesp/dirig.shtm](http://www.mec.gov.br/seesp/dirig.shtm). Confira a seguir outros endereços e telefones úteis.

### Plantão nacional de informações para o professor:

■ **Alô Vida**, Av. Dep. Emílio Carlos, 821, 06310-160, São Paulo, SP, tel. (0\_\_11) 4181-8866 (aceita ligação a cobrar), internet: [www.fundacaoorsa.org.br](http://www.fundacaoorsa.org.br), e-mail: [fundorsa@fundacaoorsa.org.br](mailto:fundorsa@fundacaoorsa.org.br)

■ **Associação de Assistência à Criança com Deficiência**, Cx. P. 57095, 04089-970, São Paulo, SP, tel. 0800-9401141, internet [www.aacd.org.br](http://www.aacd.org.br), e-mail: [acessototal@teleton.org.br](mailto:acessototal@teleton.org.br).

Assista a programas sobre inclusão aos sábados, às 6h30, no SBT

■ **Rede Entre Amigos**, R. Benito Juárez, 70, 04018-060, São Paulo, SP, tel. (0\_\_11) 5082-3501, internet: [www.entreamigos.com.br](http://www.entreamigos.com.br), e-mail: [atendimento@entreamigos.com.br](mailto:atendimento@entreamigos.com.br)

■ **Rede Saci**, Av. Prof. Luciano Gualberto, trav. J. 374, térreo, sala 10, 05508-900, São Paulo, SP, tel. (0\_\_11) 3091-4371, internet: [www.saci.org.br](http://www.saci.org.br), e-mail: [atende@saci.org.br](mailto:atende@saci.org.br)

■ **Secretaria de Educação Especial do MEC**, Esplanada dos Ministérios, bl. L, 6º andar, sala 600, 70047-900, Brasília, DF, tel. 0800-616161, internet: [www.mec.gov.br/seesp/default.shtm](http://www.mec.gov.br/seesp/default.shtm), e-mail: [publicacao@mec.gov.br](mailto:publicacao@mec.gov.br)

### Capacitação para redes:

■ **Escola de Gente**, Av. Fleming, 200, 22611-040, Rio de Janeiro, RJ, tel. (0\_\_21) 2493-7610, internet: [www.escoladegente.org.br](http://www.escoladegente.org.br), e-mail: [escoladegente@attglobal.net](mailto:escoladegente@attglobal.net)

■ **Laboratório de Estudos e Pesquisas em Ensino e Diversidade**, Cx. P. 6120, 13083-970, Campinas, SP, tel. (0\_\_19) 3788-5586, internet: [www.fae.unicamp.br/leped](http://www.fae.unicamp.br/leped), e-mail: [tmantoan@unicamp.br](mailto:tmantoan@unicamp.br)

Fizeram-nos refletir sobre a realidade da comunidade e a heterogeneidade do público”, relata Mara Sartoretto, diretora da Associação dos Familiares e Amigos do Down, instituição que orienta o corpo docente desde 1998. Entre os procedimentos adotados destacam-se:

- Trabalho em grupo e atividades diversificadas que possam ter diversos níveis de compreensão e desempenho.
- Predomínio da experimentação, da criação, da descoberta e da co-autoria do conhecimento.
- Elaboração de debates, pesquisas e registros escritos.
- Avaliação do desenvolvimento da turma do ponto de vista da evolução das competências.

O trabalho passou a funcionar ainda melhor com uma mudança de postura. “De ‘inspetora’ passei a ajudante dos professores”, conta Vaneza Nunes, coordenadora da Dora Abreu. “Hoje, ouço as dificuldades da equipe e vou atrás de livros e orientações para cada situação. E nosso horário de trabalho coletivo virou um grande espaço de discussão.”

### Quer saber mais?

- Caminhos Pedagógicos da Inclusão**, Maria Teresa Mantoan, 243 págs., Ed. Memnon, tel. (0\_\_11) 5575-8444, 35 reais
- Coleção Meu Amigo Down** (três vols.), Cláudia Werneck, 24 págs. cada um, Ed. WVA, tel. (0\_\_21) 2493-7610, 20 reais cada um
- Educação Especial no Brasil**, Marcos Mazzotta, 208 págs., Ed. Cortez, tel. (0\_\_11) 3864-0111, 19 reais
- Educação Inclusiva: Contextos Sociais**, Peter Mittler, 264 págs., Ed. Artmed, tel. 0800-703-3444, 38 reais
- Inclusão: Construindo uma Sociedade para Todos**, Romeu Sasaki, 174 págs., Ed. WVA, 30 reais
- Trabalhando com Hannah**, Liz Wise e Chris Glass, 135 págs., Ed. Artmed, 24 reais

### Exclusivo On-line

Assista a uma videoreportagem sobre formas de trabalho utilizadas por professores de classes inclusivas no Site do Professor:

[www.novaescola.com.br](http://www.novaescola.com.br)

## ANEXO C – Reportagem sobre premiação em concurso literário

## GERAL

JORNAL DO POVO

■ Segunda-feira, 13 de junho de 2005 ■

7

## ▼ CULTURA

## CATEGORIA ENSINO FUNDAMENTAL

1º LUGAR - Nenci Rosa Vidal, da 8ª série da Escola Juvêncio Soares

2º LUGAR - Samanta Gonçalves, da 5ª série da Escola Dora Abreu

3º LUGAR - Vinicius Carvalho Woicker, da 6ª série do Instituto João Neves da Fontoura

# 13º GAC premia concurso literário

Premiação encerrou festividades da Semana da Artilharia

MARCUS TATSCH

O 13º Grupo de Artilharia premiou sexta-feira, durante cerimônia comemorativa ao seu aniversário de 97 anos, os alunos vencedores do concurso literário estudantil, promovido pela guarnição. Foram pre-

miados três alunos do ensino médio e três do ensino fundamental, que receberam seus prêmios das mãos do comandante, tenente-coronel Ricardo Hampel Vicente.

Os estudantes escreveram textos sobre o tema "O exército brasileiro- 13º GAC: 97 anos de serviços prestados à comunidade". A Secretaria Municipal de Educação também foi parceira do concurso. A premiação encerrou as festividades da Semana da Artilharia e do aniversário do 13º GAC.

## PARA SABER MAIS

## Os vencedores

MARCUS TATSCH



COMANDANTE DO GAC, NENCI, SAMANTA E VINÍCIUS: prêmio ao ensino fundamental

## ESPORTE

■ Quinta-feira, 29 de junho de 2006 ■

15

8ª OLIMPIADA ESTUDANTIL JP/ULBRA/PREFEITURA

# Dora Abreu conquista ouro no futsal mirim

Escola fechou a modalidade com mais um título na temporada

■ CLEBER PINTO

A Escola Municipal Dora Abreu voltou a brilhar na Olimpíada Estudantil **Jornal do Povo/ULBRA/Prefeitura**. Ontem pela manhã, no Colégio Marista Roque, a escola conquistou a medalha de ouro no torneio mirim feminino de futsal. No triangular decisivo, o Dora Abreu derrotou o David Barcelos por 2 a 1 e empatou em 1 a 1 com o Ataliba Brum. O Ataliba garantiu a medalha de prata ao empatar em 1 a 1 com o David. O quarto lugar ficou com o Borges de Medeiros, seguido por Roque e Barão do Rio Branco.

O Dora Abreu conquistou a segunda medalha de ouro no futsal jogando com Samanta, Valéria, Bruna, Carine, Deise,

Jhenifer, Tamiris, Daiane e Natiane. A professora Josiane Peixoto foi a treinadora.

O Ataliba Brum, treinado pelo professor Gilberto Roso, conquistou a sua primeira medalha de prata jogando com Marthiele, Carla, Pamela, Katiele, Grazielle, Cinara, Leticia, Jordana, Tássia e Silvia. O David ficou com o bronze jogando com Maquiele, Fernanda, Ana Paula, Tamiris, Patrícia, Ana Cláudia, Eveline e Rafaela.

O futsal encerrou ontem com duas medalhas de ouro para o Antônio Vicente, duas para o Dora Abreu, uma para o Borges de Medeiros e outra para o Roque. Quem obteve a melhor regularidade no futsal foi o Roque, que lidera os jogos com 55 pontos, contra 41 do Barão e 35 do Imaculada.



**DORA ABREU** venceu o David e empatou com o Ataliba no triangular final

## CLASSIFICAÇÃO

ESCOLA	PONTOS
1ª) Roque	55
2ª) Barão	41
3ª) Imaculada	35
4ª) Cândida	33
5ª) Dora Abreu	32
6ª) Ataliba Brum	29
7ª) Antônio Vicente	28
8ª) David Barcelos	25
9ª) Getúlio	23
10ª) Borges de Medeiros	22
11ª) Rio Jacuí	16
12ª) Alarico	15
13ª) Marieta	13
14ª) Afonso Pena	12
15ª) Milton da Cruz	9
16ª) Dinah Néri	8
17ª) Mário Godoy	8
18ª) São Pedro	8
19ª) Angelina	8
20ª) Bailazar de Bem	6
21ª) Liberato	6
22ª) Emilia Vieira da Cunha	4
23ª) João Neves	4
24ª) Sagrado Coração de Jesus	4

## MEDALHAS

ESCOLA	O	P	B
1ª) Antônio Vicente	2	0	0
Dora Abreu	2	0	0
3ª) Borges de Medeiros	1	0	0
Imaculada	1	0	0
5ª) Roque	0	3	1
6ª) Rio Jacuí	0	1	0
7ª) David Barcelos	0	1	1
Ataliba Brum	0	1	1
9ª) Barão	0	0	1
Getúlio	0	0	1
Alarico	0	0	1

## ESPORTE

■ Quarta-feira, 14 de junho de 2006 ■

15

OLIMPIADA JP/ULBRA/PREFEITURA

# Dora Abreu é ouro no torneio mirim

Escola bateu o Rio Jacuí por 2 a 1 ontem no Roque

■ CLEBER PINTO

A Escola Municipal Dora Abreu fez a festa na manhã de ontem do ginásio do Colégio Marista Roque. A equipe derrotou o Rio Jacuí por 2 a 1 e conquistou o título do torneio mirim masculino de futsal da 8ª Olimpíada Estudantil **Jornal do Povo/ Ulbra/Prefeitura**. A medalha de bronze foi conquistada pelo Getúlio Vargas, que derrotou o Dora Abreu por 2 a 1. Roque, em quinto, e Imaculada Conceição, em sexto, completaram a zona de pontuação.

O time campeão na segunda fase derrotou o Imaculada Conceição por 3 a 2. Na semifinal, bateu o Getúlio Vargas por 2 a 1. O Dora Abreu jogou com Lucas, Roguer, José, Laurício, Gabriel, Jeferson, Jonas, José, Michel e Leonardo. A treinadora foi a professora Josiane Peixoto.

O Rio Jacuí conquistou a sua primeira medalha de prata na temporada jogando com Andryl, Antônio, Eristian, Evandro, Felipe, Lucas Fontoura, Lucas Leal, Lucas Machado, Luís e Taylor. O treinador foi o professor Beno Halberstadt.

**LIDERANÇA** - Com a quinta colocação de ontem, o Roque ampliou ainda mais a sua liderança na classificação dos jogos. Os maristas somam agora 28 pontos, oito a mais que o Cândida Fortes Brandão. A terceira colocação é do Barão do Rio Branco, com 19 pontos.

No quadro de medalhas o equilíbrio é total. Antônio Vicente da Fontoura, Borges de Medeiros e Dora Abreu têm uma medalha de ouro e dividem a ponta. O Roque vem logo após com uma medalha de prata e outra de bronze.



DORA ABREU comemorou a primeira medalha de ouro nos jogos escolares

## Pré-mirim começa hoje no Barãozinho

Começa hoje a disputa por mais uma medalha de ouro na Olimpíada Estudantil **Jornal do Povo/ Ulbra/Prefeitura**. Os jogos começam às 8h30min, no ginásio do Colégio Sinodal Barão do Rio Branco, no Bairro Tupinambá. Jogarão as escolas Angelina Salzano Vieira da Cunha, Alarico Ribeiro, Ataliba Brum e Barão.

Na sexta-feira, às 8h30min, no Roque, jogarão as escolas David Barcelos, Dora Abreu, Getúlio e os do-

nos da casa. À tarde, também no Roque, jogarão Cândida Fortes Brandão, Marieta Ribeiro de Almeida, Rio Jacuí e Dinah Néri Pereira.

No dia 19h, às 8h, no ginásio da Sociedade Rio Branco, jogarão São Pedro, Antônio Vicente e João Neves. Encerrando a primeira fase, no dia 20, os jogos serão no ginásio Target Sports, às 14h, com Mário Godoy Ilha, Nossa Senhora da Conceição, Imaculada Conceição e Baltazar de Bem.

MEDALHAS			
ESCOLA	O	P	B
1ª) Antônio Vicente	1	0	0
Borges	1	0	0
Dora Abreu	1	0	0
4ª) Roque	0	1	0
5ª) Rio Jacuí	0	1	0
6ª) David Barcelos	0	1	0
7ª) Barão	0	0	1
Getúlio	0	0	1

### CLASSIFICAÇÃO

ESCOLA	PONTOS
1ª) Roque	28
2ª) Cândida	20
3ª) Barão do Rio Branco	19
4ª) Dora Abreu	18
5ª) Getúlio Vargas	17
6ª) Borges de Medeiros	14
Antônio Vicente	14
8ª) David Barcelos	14
9ª) Rio Jacuí	14
10ª) Afonso Pena	14
11ª) Imaculada Conceição	12
12ª) Marieta Ribeiro	11
13ª) Milton da Cruz	9
14ª) Ataliba Brum	8
Baltazar	8
16ª) Liberato Vieira da Cunha	6
Dinah Néri	6
Mário Godoy Ilha	6
19ª) Ulbra São Pedro	4
Sagrado Coração de Jesus	4
Emília Vieira da Cunha	4
22ª) João Neves	2
Alarico	2
Angelina	2

## ESPORTE

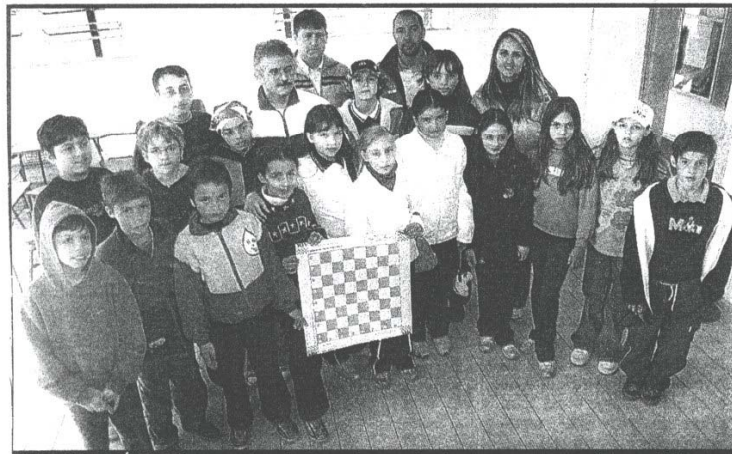
■ Sexta-feira, 30 de junho de 2006 ■

15

8ª OLIMPIADA JP/ULBRA/PREFEITURA

# Jogos de damas abriram com equilíbrio

Roque, Dora, Getúlio e Barão ficaram com as medalhas de ouro



**CATEGORIA PRÉ-MIRIM:** torneio abriu os jogos de damas ontem pela manhã



**DAMISTAS** da categoria mirim na SMD

■ CLEBER PINTO

Os jogos de damas da 8ª Olimpíada Estudantil **Journal do Povo**/Ulbra/Prefeitura foram marcados pelo equilíbrio ontem na Secretaria Municipal dos Desportos. Os torneios masculinos e femininos pelas categorias mirim e pré-mirim foram conquistados pelas escolas Getúlio Vargas, Dora Abreu, Barão do Rio Branco e Roque.

O melhor desempenho do dia foi do Imaculada Conceição, com 21 pontos, quatro a mais que Roque e Getúlio. O Barão somou 12 pontos.

Na categoria pré-mirim, entre os meninos o título ficou com Rodrigo Pastoriza, do Dora Abreu. A prata foi conquistada por Kelvin Rodrigues, do Imaculada, e Ulisses Lopes, do São Pedro, ficou com o bronze.

No feminino, a medalha de ouro foi conquistada por Leticia Carvalho Bernardes, do Roque. Fernanda Flores, do Ataliba Brum, ficou com a medalha de prata, e Lana Porto, do Imaculada, com a de bronze.

Na categoria mirim, o Getúlio Vargas dominou no masculino, com Mosiah Martins, em primeiro, e Helamã Martins, em segundo lugar. Jhorann Martin, do Imaculada, conquistou a medalha de bronze. No feminino, o título foi conquistado por Débora Botlender, do Barão do Rio Branco. Brisa Marciniak, do Imaculada, conquistou o segundo lugar. A medalha de bronze foi garantida por Bárbara Trindade, do Getúlio Vargas.

Os jogos de damas encerraram na segunda-feira à tarde, na Secretaria Municipal dos Desportos, com os torneios pela categoria infantil. A Associação de Damistas Cachoeirenses está coordenando a competição.

## MEDALHAS

ESCOLA	O	P	B
1ª) Dora Abreu	3	0	0
2ª) Antônio Vicente	2	0	0
3ª) Roque	1	3	1
4ª) Imaculada	1	2	2
5ª) Getúlio	1	1	2
6ª) Barão	1	0	0
7ª) Borges	1	0	0
8ª) Ataliba Brum	0	2	1
9ª) David Barcelos	0	1	1
10ª) Rio Jacuí	0	1	0
11ª) Alarico	0	0	0
São Pedro	0	0	1

## ANEXO G – Termo de doação de microcomputador

**VIPTech INFORMATICA LTDA.**  
CNPJ 06.932.680/0001-68



**TERMO DE DOAÇÃO**

Pelo presente termo de doação, repassamos à “Secretaria Municipal de Educação” de Cachoeira do Sul, um microcomputador conforme as características:

**AMD SEMPRON 2.200 +**  
**128 MB MEMORIA RAM**  
**HD 40 GB 7200**  
**FLOPPY DRIVE 1.44 MB 3,5”**  
**CD-RW**  
**GABINETE**  
**TECLADO**  
**MOUSE**  
**CXS DE SOM 180 W**  
**MONITOR COLOR 15”**  
• Sem Estabilizador  
• Sem Sistema Operacional  
• Sem Impressora

Este equipamento é o prêmio para a Escola Municipal melhor colocada na 8ª Olimpíada JP / ULBRA / PREFEITURA MUNICIPAL.

Aguardamos a retirada do equipamento na empresa.

Cachoeira do Sul-RS, 24 de Novembro de 2.006.

  
VIPTech INFORMATICA LTDA.

**06932680/0001-68**

**VIPTech INFORMATICA LTDA.**

Júlio de Castilhos, 1014  
CEP 96501-000

**Cachoeira do Sul - RS**

## ANEXO H – Ofício da Secretaria Municipal de Educação



ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL  
 PREFEITURA MUNICIPAL DE CACHOEIRA DO SUL  
 PRINCESA DO JACUÍ – CAPITAL NACIONAL DO ARROZ  
 SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO

Of./SP/SMEd/nº 154


Cachoeira do Sul, 30 de março de 2006.

Senhor(a) Diretor(a):

Ao cumprimentá-lo(a), temos a grata satisfação de parabenizá-lo(a) e estendermos os nossos cumprimentos a sua equipe pedagógica, professores e funcionários, pela melhoria no índice geral de aprovação dessa Escola, que de 81%, em 2004, passou para 96,3% em 2005.

Certos de que continuarão empreendendo todos os esforços na obtenção de resultados cada vez melhores, reiteramos o propósito de realizarmos um trabalho conjunto com nosso Setor Pedagógico.

Atenciosamente.

  
 Maria Wergam Forghieri de Araújo,  
 Setor Pedagógico da SMEd.

  
 Marcos Flores,  
 Secretário Municipal de Educação.

Senhor(a) Maria Eunice Balardin de Oliveira  
 Professor(a) Maria Eunice Balardin de Oliveira  
 Diretor(a) da E.M.E.F. Dora Abreu

N/C

GC/NG



ANEXO I – Reportagem com depoimento de ex-aluna da escola

## Dora estimulou o magistério negro

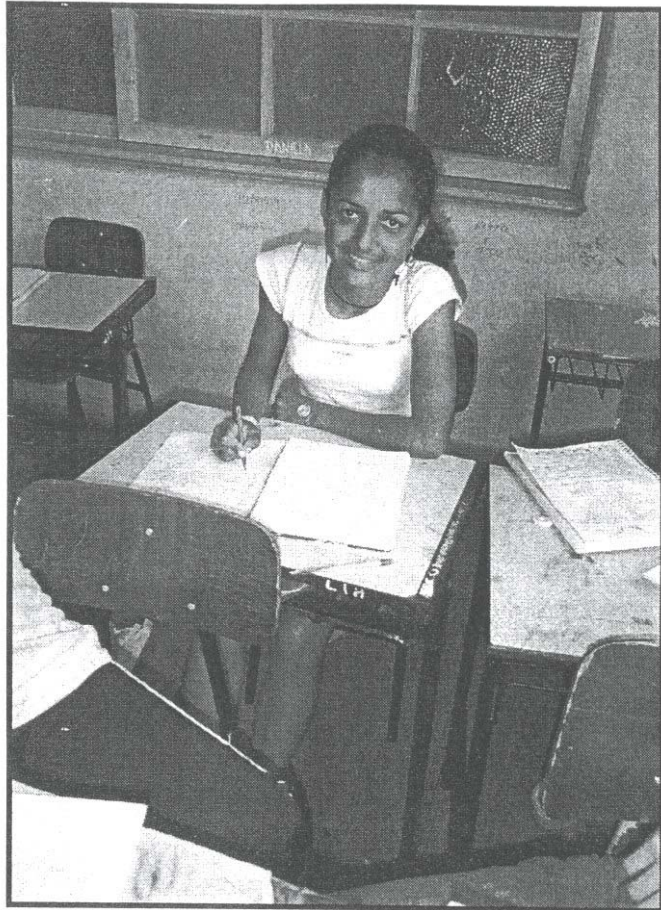
Há 14 anos, quando iniciou o trabalho de consciência negra na comunidade da escola Dora Abreu, onde mais de 80% dos estudantes são descendentes de afro-brasileiros, um grupo de professores não imaginou que os resultados fossem ser tão positivos.

Neste período, centenas de alunos negros passaram a gostar de sua raça. Hoje, ninguém mais sente vergonha de ser negro na comunidade do Dora, o estabelecimento de ensino em que a caminhada da consciência negra em nível escolar está mais avançada.

Outro sinal de que o trabalho deu certo é o aumento do número estudantes negras no curso de Magistério da Escola João Neves. Já são mais de 15. Giulia Fernandes Fortes Stringuini, 14 anos, é remanescente da escola Dora Abreu. “Quero ser professora para trabalhar com a comunidade negra,” disse ela.

**BELEZA** - Giulia é uma das representantes da caminhada de consciência negra iniciada na escola Dora Abreu. Aprendeu dentro da sala de aula o valor do termo negritude. “Eu aprendi a gostar da minha raça e de mim mesma”, detalhou a estudante.

Giulia tem a mesma idade da Kizomba do Dora. Para ela, a escola era per-



**Giulia:** negritude resgatada dentro da sala de aula

feita. “Nós acabamos com o preconceito em sala de aula,” relatou a menina, que sente falta da antiga escola. Hoje, eu me deparo com o preconceito aqui nesta escola maior, mas vim preparada para lidar com isso,” frisou. Ao falar de sua vocação para o magistério, a aluna da 8ª série afirma que sua grande referência são

seus antigos professores. “Tudo aquilo que eles fizeram por mim, vou fazer para os meus alunos,” planeja a estudante, que ainda recorda com carinho dos títulos de beleza negra que conquistou na escola do bairro. “Na verdade, não me desliguei da minha antiga escola, minhas raízes estão lá,” salientou ela.

## ANEXO J – Depoimento de ex-aluna da escola

## "Minha Escola de Oração"

Para começar essa redação, vou primeiro me apresentar: Eu me chamo Cyllia Fernanda Fortes Stinguini, eu tenho 18 anos de idade, estou cursando o 3º ano do ensino médio.

Estudei na Escola Dora Abreu no ano de 1994 à 1999, e com toda certeza eu aprendi muito lá, as professoras do "Dora" me fascinam até hoje, por sua dedicação, garra... Foi no "Dora" que eu aprendi a me valorizar como negra, pois a escola sempre trazia trabalhos e dizendo que sempre que não é ter vergonha e se há racismo que agente mostre que somos tão bons, quanto os brancos!

Eu cresci muito como pessoa ao estudar no Dora Abreu, saí de lá aos 11 anos de idade porque naquele tempo o Ônibus Fundamental já só até a 5ª série, mas não consegui me afastar da escola, porque as minhas raízes estão lá, as minhas melhores lembranças (da minha infância), estão lá, e eu moro bem pertinho, no Bairro Santo Rô, periferia de Lapa do Sul.

Enfrentei um pouco de dificuldade quando saí do "Dora" para concluir os estudos em uma escola estadual, uma das maiores de "Lapa", os alunos de lá eram muito preconceituosos, queriam saber de onde eu vim, onde eu estudei, os professores

eram meio distantes, diferentes das professoras do "Dora" que mais pareciam novas mães, de tanta dedicação e carinho que nos tratavam, mas também foi a minha alegria quando no 1º ano estudando naquela nova escola, na 6ª série, a professora de matemática me chamou e perguntou de onde eu vinha, qual era a minha escola? Então eu respondi:

"Dora Alveu"! Então ela espontaneamente me deu os parabéns porque eu estava bem avançada no conteúdo e tinha tirado uma nota boa no trabalho proposto em sala de aula, eu mostrei que escola municipal é tão boa quanto estadual e que eu saí do "Dora" sabendo os conteúdos e até hoje dou muito valor aos estudos.

Desde os meus 14 anos mais ou menos, sempre trabalhei e estudei, já fiz de tudo um pouco para ajudar a minha família, já fiz artesanatos para vender, já cuidei de crianças, já fui babá melhor dizendo, já vendi produtos de revistas, vendi planes de saúde, já fui recepcionista de clientes... Hoje estou só ~~trabalhando~~ buscando maneiras para conseguir algum dinheiro e adquirir experiência para o trabalho.

Faço parte do Movimento Negro, porque em 1º lugar, eu sou filha de uma negra e me vejo como negra, até tenho o cabelo encaixado, a pele mulata, o meu pai era branco, mas eu prefiro ser chamada de "Negra", faço parte da coordenação de um grupo de jovens católicos PJE (Pastoral da Juventude Católica),

Eu fiz a prova do ENEM, mas ainda não recebi o resultado, quero muito fazer faculdade, mas não tenho dinheiro para isso, pois só fiz a prova, acredito que todo jovem estudante deveria ter direito ao Ensino Superior, e que o estudante pobre tivesse mais oportunidades, porque muitos, como eu, tentam entrar numa faculdade pública, mas infelizmente não conseguem.

O meu sonho é ser professora, com todo o meu coração eu digo que me inspirei nas professoras do "Dora", porque eu vejo pessoas que gostam do que fazem, que estudam não apenas com os livros, mas também com o coração. Eu cheguei a fazer um ano de Magistério e me apaixonei, mas tive que parar para trabalhar e aí voltei para o ensino médio, mas como dizia o cantor: "quem acredita, sempre alcança..."

Eu jamais vou esquecer do "Dora", que tem no nome aquele e o que eu poder fazer pela minha escola de coração, eu farei.

Eu tenho muito orgulho de ter sido uma "Doriana"!

Cyullia Strinquini

12/09/2006

## ANEXO K – Autorização das professoras

23-11-06  
 Cad. sul  
 Rosane

Conversei com as professoras sobre a presença do nome no seu trabalho. Elas concordam que seu nome constem no trabalho.

Boa sorte, abraços

Jaqueline  
 Superadora E. M. G. F. Dore Akira

## ANEXO L – As cartas

Porto Alegre, 25 de novembro de 2005.

Queridas parceiras do Dona Abreu!

Tudo bem com vocês? Como está o final de ano letivo aí? Até quando vocês têm aula? Quando entram em férias?

Eu estou naquela correria de final de semestre que vocês devem conhecer, mas estou muito feliz e aliviada, pois fiz a qualificação do meu projeto de pesquisa e ele foi aprovado. Como comentei com vocês nos nossos encontros anteriores, meu trabalho consiste em narrar a história do Dona Abreu, que no meu entendimento (e também no da banca que analisou o projeto), é uma história importante de ser contada e compartilhada com outras pessoas. Não se trata de provar nada, apenas contar a história junto com vocês, para que cada leitor tire suas conclusões.

Conversei com uma professora sobre a minha preocupação com relação à distância entre Porto Alegre e Cachoeira, o que torna difícil a minha presença aí com frequência, para poder conversar com vocês. Como eu havia comentado com ela que vocês se dispuseram a escrever alguma coisa sobre a vivência na escola (lembram?) ela sugeriu que mantivéssemos uma conversa através de cartas. Achei a ideia interessante e espero que vocês topem. Não tenho pré-definido quantas cartas escreveremos, nem o que trataremos ao longo das cartas. Tudo irá se definindo no decorrer do processo. O que acham? Vamos ver se dá certo?

Caso topem iniciar essa caminhada comigo,

estou enviando alguns envelopes, papel e selos. Vocês podem fazer como acharem melhor, ou seja, se reunirem para escrever juntas, cada uma escreve uma parte do conto, cada uma escreve um conto de cada vez, enfim, vocês decidem como fica melhor.

No dia 9 de dezembro, provavelmente eu vou para Paris e, se vocês tiverem tempo, posso aí para conversarmos. Se vocês pensarem que não é viável escrevermos as cartas, pensaremos em outra possibilidade, certo?

Aproveito esta primeira carta para esclarecer uma dúvida: na primeira vez que conversamos eu havia entendido que dos 300 alunos que a escola tinha, cerca de 200 estavam fora da faixa etária. Depois, assistindo a fita do relato da Vanessa na FAPA, entendi que eram cerca de 100. Como a fita está meio mal gravada, fiquei na dúvida. Vocês podem me esclarecer?

Finalizo a carta com uma questão que me deixou curiosa no nosso último encontro: quando perguntei a vocês como conseguiram dar a "virada" na escola, passando da exclusão para a inclusão, vocês apontaram algumas possibilidades, mas disseram que tinham que pensar, pois não estava claro para vocês. Lembram? Chegaram a pensar nisso? Chegaram a alguma conclusão?

Beim, hoje vou ficando por aqui. Agradeço desde já a parceria de vocês. Vou esperar ansioso a resposta desta primeira carta. Fiquem à vontade para escrever o que quiserem.

Um beijo,  
Rosana

Graduados do Sul, 01/12/05

Prezada Rosana!

Seus desculpas pela demora. Estamos numa corrida para o encerramento do ano letivo e estou dando os últimos detalhes do meu trabalho de Conclusão nos Pós Graduações.

É bem interessante este tipo de correspondência. Já tem muito tempo não escrevo cartas. Pelo que é uma oportunidade de retornar o hábito de escrever melhor. Fazer a limpa mas tem vários erros de português.

Você está nos fazendo pensar muito sobre como conseguimos dar a virada na escola. É que tudo foi acontecendo na correria e até então não tínhamos parado para pensar como se deu o processo. A segunda feira passada comecei a discutir mas não escrevemos nada. A discussão ficou bem animada. Um ponto que todos concordam: estávamos discutindo com a realidade da nossa escola: Repetição excessiva - Defesas em italiano / Turmas numerosas - Indisciplina - Ausências de famílias na escola.

Quando resolvemos investir (apostar) na Formação Continuada dentro da escola passamos a questionar sobre problemas que enfrentávamos (baseado na teoria) (se não devia de dizer que não é preciso um embasamento teórico para prática) sigui- fice que estava querendo deixar escondido algo que não quer mostrar.

Levamos os problemas sérios da escola para a discussão: Alguns tópicos que foram discutidos em 1998 - como se explica ter uma escola com 200 alunos e no final do ano mais da metade ser reprovada? Por que tantos alunos fora da faixa etária na



é sério? Por que os alunos que chegam de outras escolas (mesmo repetentes) apresentam melhores habilidades e condições de aprendizagem?

Por que os pais não demonstram interesse em participar das reuniões para acompanhar o rendimento dos filhos e discutir os problemas?

Qual a razão do número grande de alunos nas férias?

Estes foram algumas questões debatidas na comunidade escolar. Hoje ainda se retorna algumas questões com a finalidade de constatarmos o nível que estamos.

Acreditamos na Formação Continuada que se faz dentro de escola baseada numa relação onde muitas coisas são aprendidas, outras desaprendidas e neste coletivo vai se fazendo descobertas e re-avendo nossa postura diante de Prof. e pedag. de escola. Estamos aprendendo a trabalhar no coletivo, onde cada um tem direito a falar, suas possibilidades, suas angústias, erros e acertos. Antes os erros eram considerados inadimissíveis, hoje são tidos como um ponto de reflexão para ver em que ponto nos esquecemos, como e por quê. Não se tem vergonha de falar onde se errou. Os erros são importantes para quem analisa na escola. Os erros não ficam parados. São analisados e questionados, para se buscar uma solução e novas perspectivas.

Como Superintendente me sinto um pouco "feminha" (no bom sentido) pelas reuniões de Formação Continuada. Sinto prazer em planejá-las e realizá-las, não como uma obrigação a ser cumprida, mas um momento de reflexão e estudo. Os estudos que oportunizamos são de acordo com a nossa prática, têm uma linha a seguir, há de estudo feita com os nossos estudos anteriores, questionamentos e análises.

realizadas. Algumas escolas apenas estarão por que têm que estudar.

O importante é despertar no grupo essa vontade de estudar, de repensar & fructificar. É isto estamos

conseguindo. Acho que o nosso grupo aprendeu a sente necessidade de estudar, de encontrar soluções nesses momentos oportunos.

Alguns fatos e problemas que são debatidos nas reuniões de repente não se ouso falar em outras escolas.

Ai entre as relações de poder na escola. A equipe diretiva tem que estar em sintonia com a proposta de escola, ver o professor como um parceiro e não como uma ameaça pessoal, alguém que está querendo lhe roubar algo.

A equipe diretiva (principalmente o diretor) tem que ter uma visão de escola como um espaço pedagógico, não só ficar no administrativo. Onde o diretor tem visão pedagógica fica mais fácil realizar um trabalho coletivo e compartilhado por todos.

Não finalizar, não sei se estou conseguindo te passar alguma coisa importante de nossa escola. Espere resposta em breve.

Como vou estar de férias mande a carta para o meu endereço. Não se preocupe vou continuar escrevendo.   
 Graças

Gachoeira do Sul, 02/12/05

O endereço é o da minha casa, pois logo vamos entrar de férias.

Rosana

Hoje foi um dia muito especial. Ganhamos o 1º lugar no Festival Municipal de Teatro realizado na Casa da Cultura. Foi uma emoção muito grande. Nós concorremos com as escolas maiores do município e outras escolas têm recursos materiais e financeiros melhores que a nossa comunidade escolar. Tanto é que as outras escolas chegaram com camisetas personalizadas com o nome do grupo e nós chegamos com as roupas do dia a dia. Até o início da nossa apresentação ninguém pensava na nossa escola como uma concorrente (a final de contas, como uma escola de periferia pobre tem condições de concorrer com outras comunidades mais talentosas). É assim que fica determinado as pessoas que mesmo trabalhando com educação ainda acreditam que na periferia não há aprendizagem.

Quando estávamos montando o cenário começamos a nos mexer. Tanto o cenário como as roupas foram confeccionados na escola com ajuda de professores e alguns alunos. Spada um deu a sua contribuição. Fizem tudo compartilhado e no final tivemos um belo espetáculo no palco: o talento de nossos alunos superando um palco que nunca tinham visto antes, autêntica de pessoas desconhecidas, alunos vencendo suas limitações, superando seus limites, mas com muita habilidade necessária para encenar uma peça de teatro.

Foi emocionante. Quando anunciaram o 1º lugar a emoção foi tanta que ninguém foi pegar o troféu e o prêmio em dinheiro. Os nossos alunos (e nós também) se sentiram grandes para que estavam ganhando o prêmio. Rosana, será que este assunto te interessa?

Está acontecendo nos deu força e coragem para

continuar nesta luta. Quantos destes alunos poderiam hoje estar na rua se a escola não lhe acolhesse? Quando, a partir de agora vão acreditar mais no seu potencial e seguir em frente, criando o seu mundo, participando da transformação do mundo que está a sua volta.

Estas 10 alunas participantes da peça talvez em outras escolas já estariam fora, pois são ativas, questionam bastante, muitas vezes são excluídas, indisparadas, por professores que ainda acreditam que o bom aluno, o que merece passar e ter sempre um parecer favorável é o que não abre a boca na sala de aula.

A escola precisa produzir alguma transformação nos alunos como pessoas. Que eles sejam capazes de criar as suas possibilidades, criar o mundo, participando da transformação do mundo que está a sua volta. Os que trabalham com alunos de escola considerada carente, sobretudo alunos com nível baixo económico deixam muitas vezes somente os únicos, em suas vidas a acreditar de que são sujeitos com

capacidades, possibilidades, sonhos e esperanças. É que esperam construir um mundo melhor. Este mundo sonhado lhes é tirado pela própria sociedade através de situações que eles são impotentes, deixando-os com sentimentos de incapacidade.

A escola desperta sonhos, faz o aluno pensar. Toda a hora é um desejo e quem garante que eles não vão acontecer.

Estou com sono. Absorção. Judeo  
sup. E. M. E. F. Dos  
Alves

Porto Alegre, 17 de dezembro de 2005.

Minhas queridas colegas, tudo bem com vocês?

Fiquei muito feliz em receber as cartas. Cheguei em casa à noite, cansada e, quando vi, em cima da mesa estavam as duas cartas. Fiquei que nem criança, louca para abrir e ler!

Eu estava querendo falar com vocês, ia ligar para a Vanessa, pois queria contar que duas alunas minhas assistiram ao curso da FAPA e adoraram a apresentação de vocês. Na segunda-feira, após o curso, elas tiveram aula comigo e ficaram um tempão me contando como tinha sido legal ouvir vocês. Elas ficaram bastante impressionadas em ver que é possível colocar em prática os pressupostos da educação inclusiva. Penso que essa surpresa delas é porque algumas pessoas dizem que são necessários adaptações curriculares, especialistas, salas de apoio, etc. O próprio Secretário de Educação comentou há alguns dias, no Correio do Povo, que as escolas comuns não estão preparadas para a inclusão e que a maioria não conta com profissionais ~~espe~~ capacitados para esse público. O que vocês acham? Chegaram a ler isso no jornal?

Faz muito tempo que ouço de alguns dirigentes, de professores, de pais e de alunos que as escolas não estão preparadas. Eu fico pensando: quando estaremos preparadas? Quando ouço isso, lembro de uma mãe, aí de Cachoeira, que me disse uma vez: - É o que a gente faz com os nossos filhos enquanto as escolas dizem que não estão preparadas? Colocamos eles no freezer e esperamos?

Queria, voltando ao curso da FAPA, quero

comentar, ainda, que as alunas ficaram impressionadas com a emoção que vocês passaram ao longo do relato. Legal isso, né? Fiquei pensando; será que é tão raro um professor dar um relato de algo que vivenciou, deixando transparecer a sua emoção, a ponto de isso chamar a atenção dos alunos?

Por falar em emoção, adorei saber que vocês ganharam o 1º lugar no Festival de Teatro. Fiquei emocionada ao ler a carta. Fiquei imaginando a cara de vocês e dos alunos. Parabéns! Vocês merecem esse reconhecimento! Para mim, escola é isso, um lugar que também oportuniza esse tipo de aprendizagem e não um lugar onde a gente vai só para encher a cabeça de fórmulas. No meio da carta, a Vanessa perguntou se esse ~~era~~ assunto interessante. Sem dúvida! São essas vivências do cotidiano ~~que~~ que não permitem conhecer melhor a escola. Nesta carta, ficou claro que a escola de vocês vai muito além dos conteúdos do programa.

Tenho a impressão de que quando vocês recebem esta carta, talvez as aulas já tenham encerrado. As minhas já encerraram, agora só tenho reuniões. Gostaria de saber como foi o final de ano aí na escola. Para mim, final de semestre é sempre um sufoco. Não gosto de ter que dar uma nota aos alunos. Fico sempre cuidando para não comparar, não hierarquizar, não classificar. Será que consigo? E com vocês, todos os alunos avançaram para a série seguinte? Vocês ficaram satisfeitas com o crescimento de cada um deles? Era o que esperavam?

Querias, qual a programação de vocês daqui para a frente? Vocês entram em férias e só retornam em março ou ainda têm reuniões? Podemos continuar trocando algumas cartas ou preferem aguardar o

retorno? Para mim está sendo uma experiência muito legal me corresponder com vocês. Há muitos anos não escrevia uma carta. Com telefone e internet a gente acaba perdendo esse hábito que é tão legal. Mas confesso que estou com saudade de dar uma passada aí para conversar pessoalmente com vocês.

Vou ficando por aqui, agradecendo mais uma vez por vocês terem topado essa caminhada comigo. As cartas que vocês me mandaram estão muito ricas! Tenho certeza de que nosso trabalho vai ficar lindo! Aproveito para desejar um ótimo Natal e um 2006 com muita paz e saúde. Foi muito bom ter conhecido vocês neste ano!

Um grande beijo em todos vocês.

Joana

Boachoeira do Sul, 12 de janeiro de 2006

Querida colega Rosana!

Espero que esteja tudo bem por aí? Aqui o calor é muito intenso, que às vezes nem tenho vontade de sair de casa. Adorei a ideia das cartas. É importante que esses momentos de alegria, ansiedade e às vezes de angústia não fiquem apenas registrados na nossa mente, mas, que também possam ~~ser~~ ~~compartilhados~~ e compartilhados com pessoas que se interessam por esse tipo de abordagem. Já faz algum tempo em que eu já vinha pensando em começar a fazer alguns registros sobre experiências da minha prática pedagógica e, essa ideia das cartas veio bem <sup>ao</sup> encontro do que eu estava pensando e, agora melhor ainda porque esses registros não vão ficar guardados no fundo de uma gaveta. Acho que vou enviar muitas cartas...

Tudo isso me faz refletir sobre "como a maneira de avaliar trouxe resultados positivos na minha prática pedagógica e no crescimento dos alunos". Essa mudança no modo de avaliar foi decisiva no progresso dos alunos e, conseqüentemente diminuiu consideravelmente o alto índice de reprovação. Isso não aconteceu apenas comigo, mas a turma como um todo também, passou a ter uma nova visão de avaliação, graças aos estudos e reflexões da Formação continuada promovidos pela própria escola. Fizemos estudos e reflexões sobre nossos problemas de avaliação, sem querer jogar a culpa no outro e também sem que ninguém se sentisse culpado pelos erros, porque o ~~era~~ importante era encontrar a solução para esses problemas e ajudar o aluno a desenvolver suas potencialidades e melhorar o



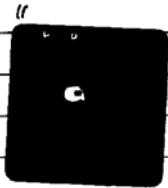
aproveitamento num jeito correto e eficaz.

A avaliação sempre foi um dos meus grandes dilemas no processo de alfabetização. É preciso avaliar somente aquilo que está ali esconchado aos meus olhos? Ou é preciso ter uma visão mais ampla, ter uma compreensão mais detalhada da evolução da trajetória do crescimento do aluno e chegar a conclusão de que ele é capaz de desenvolver a partir daí novas habilidades e possibilidades de aprendizagens que estão começando a se desenvolver, umas em ritmo acelerado, moderado ou lento.

No início da carreira de alfabetizadora acredito que eu tenha feito algumas reprovações injustas, porque eu não sabia avaliar, não sabia ajudar os alunos a progredir. Eu não tinha um entendimento da sua caminhada, dos seus progressos e, isso sempre me trouxe inúmeras preocupações. Isso não acontecia somente comigo, as outras professoras de 1ª série também tinham as mesmas queixas. Esse foi um sinal de alerta. A escola deu a contribuição e abriu espaço para debates em reuniões, estudos, fazendo um trabalho de conscientização quanto a necessidade de repensar a forma de avaliar e ação pedagógica. Não adianta curar os dentes e ficar se achando o dono da verdade, dono do destino da vida escolar dos alunos. Esse poder que temos deve ser usado corretamente com profissionalismo e acima de tudo de muita responsabilidade. Assim aprendi a valorizar o crescimento individual de cada criança e ajudá-la a superar as dificuldades. Deixei de ter um aluno como modelo para aprovações e passei a entender melhor a trajetória de cada no processo de alfabetização e, passei a respeitar e entender melhor o ritmo de cada um sem deixar que alguém fique esquecido na sala de aula e consequentemente o índice de aprovações melhorou ano a pós ano.

Tudo isso me faz lembrar a aluna B., uma menina magrinha, braços e pernas fininhas, pareciam que iam se que-  
 brar a voz, então nem se fala também, era fininha. Com  
 ela eu redobrava os cuidados, por porque ela parecia um meren-  
 que, doce, meiga, leve, educada, empenhada nas tarefas e,  
 ficava feliz quando eu falava que ela era boa na matemática.  
 B. tinha dificuldades na organização da escrita e sem-  
 pre falava: - Se a senhora me ajuda eu consigo fazer tudo!  
 Eu ia ajudando ela e os outros ao mesmo tempo, ia questi-  
 onando, dando algumas pistas, estimulando descobertas e  
 a cada descoberta era aquela sensação de vitória. Uns iam  
 se tornando cada vez mais independentes mas, B. fi-  
 cava ao meu lado e dizia: - tu não quero errar! Eu  
 confio na "SORA". Às vezes eu dizia pra ela: - tu não vou  
 ficar olhando, se eu não falar nada é porque está  
 tudo certo. Aos poucos ela foi tendo mais confian-  
 ça em si mesma, foi se encorajando e foi prosseguindo.  
 Quando eu ficava em Hora Atividade, o profes-  
 sor substituto assumia a turma e a B. fazia  
 tudo sozinha, aparecia alguns erros nas atividades  
 mas, eram erros normais. Ela falava que imagi-  
 nava que eu estava ajudando ela e assim con-  
 seguia fazer tudo. Eu sempre considerei a força de  
 vontade que ela tinha em fazer as tarefas. Eu acompanhei  
 a trajetória do crescimento dessa menina. É muito impor-  
 tante que a criança peça ajuda, tenha vontade  
 de fazer as tarefas, que aceite os desafios e que consi-  
 ga se tornar corajosa, segura e confiante em si mesma  
 seria pior esqueci-la. Quantas possibilidades não seriam  
 vistas se eu tivesse me negado a ter paciência com  
 ela e com os outros. O crescimento dela foi mais lú-  
 to em relação as outras crianças, mas eu tive por  
 esse acompanhamento, melhor eu tive uma compreensão  
 mais detalhada das suas dificuldades, então, tornou-se  
 mais fácil ajudá-la.

No final do ano ela conseguiu ser aprovada assim como eu apostei toda a minha dedicação com os outros alunos, com ela não foi diferente. Pra mim foi muito importante acompanhar todo o desenvolvimento da trajetória da B. no processo de avaliação. Com os alunos mais desenvolvidos é mais fácil avaliar, mas as crianças que apresentam dificuldades é bem mais difícil, porque é preciso descobrir possibilidades que ainda não estão ali encançadas aos nossos olhos. É preciso ter uma compreensão mais profunda da trajetória que essa criança fez para chegar a um determinado nível de aprendizagem. É para minha surpresa, quando eu estava fazendo a reunião para entrega dos boletins, alguém abre a porta sorridente, vibrando de felicidade... a B., dizendo "SORA LEÔNI, EU PASSEI PARA A 3ª SÉRIE"! Durante 2005, ela fez esforço e ano todo, assim como também tinha feito em 2004. Conversei com a Professora da 1ª série e falei sobre a verdadeira situação da B. em relação as suas dificuldades, possibilidades, habilidades etc. Se fosse em outros tempos Bruno teria sido reprovado. Foi através da possibilidade de refletir, repensar, reorganizar a prática pedagógica e a forma de avaliar, usar a avaliação não como um meio de punição, mas como um meio de ajudar a criança a vencer suas dificuldades, a fazer novas descobertas, a tomar coragem e ser autoconfiante naquilo que ela é capaz de fazer. Graças a tudo isso e ao esforço e dedicação dos professores envolvidos que o índice de aprovação da 1ª série foi de 100% em 2005.



Um abraço!

Leôni Beatriz

Porto Alegre, 03 de março de 2006.

Old colegas, tudo bem com vocês?

Estou respondendo a carta de vocês com atraso, pois ela chegou bem no período em que estava viajando. Só pude ler no final de fevereiro, quando retornei. Espero que vocês tenham aproveitado bem as férias e tenham tido um ótimo início de ano letivo. Não sei quando as aulas iniciaram aí em Cachoeira, mas penso que nessa altura vocês já devem estar em sala de aula. Espero que a correção de início de ano letivo já tenha acalmado.

Eu iniciei o semestre na maior correria, assumindo disciplinas com as quais nunca havia trabalhado, o que tem me dado bastante trabalho no hora de planejar. Mas acho que vai ser um desafio legal!

Adorei ler a carta da Leôni. Me identifiquei com algumas partes, principalmente quando ela fala nos erros que cometeu no início da carreira. Eu também passei por isso. Quando penso no início da minha trajetória como professora, também lembro de várias reprovações injustas. Na época, pensava que aquilo era o melhor para o aluno, afinal, como ele poderia ir para a série seguinte sem dominar determinados conteúdos? Hoje percebo como minhas concepções sobre ensinar, aprender, avaliar, etc., estavam equivocadas e como também estavam inadequadas as propostas pedagógicas de algumas escolas nas quais trabalhei. Hoje luto para que meus alunos da licenciatura não cometam os mesmos erros que cometi e não levem tanto tempo quanto levei para "deixar cair a ficha". Confesso que não tem sido uma tarefa muito fácil, pois as resistências são muitas e a tendência em querer reproduzir modelos antigos, mesmo sabendo que não funcionam, é grande.

Leôni, fiquei muito feliz em ler no final da carta que a aprovação na 1ª série foi de 100%. Parabéns! E nas outras séries, como foi o aproveitamento dos alunos? No início da carta relatou que os índices de aprovação na escola melhoraram e eu fiquei curiosa para saber se havia mudado a forma de trabalhar com os alunos, melhorando com isso o rendimento deles e aumentando o índice de aprovação ou se havia mudado apenas a forma de avaliar, fazendo com que vocês passassem a enxergar avanços nos alunos, onde antes não enxergavam. Mais adiante, acho que encontrei a resposta, pois comentei sobre a possibilidade de refletir, repensar, reorganizar a prática pedagógica e a forma de avaliar. Concluí que mudou, também, a forma de trabalhar com os alunos. Está certo? No teu caso, quais foram as mudanças? Me parece que o trabalho de formação continuada na escola, oportunizando espaço para reflexão é um ponto importante na trajetória da escola e de seus professores. Poderias falar um pouco mais sobre isto?

Adorei o relato do histórico da Bruna e aproveitei para perguntar como funciona a hora atividade e como funcionou o reforço que foi feito com ela. Quais os alunos que recebem reforço? Como é feito? Te agradeço se puderes continuar trocando algumas ideias ~~com~~ comigo através das cartas. Pretendo ir a Cachoeira em breve e gostaria de poder conversar contigo pessoalmente.

E a Vaneza, terminou o trabalho na Pos. Espero que sim. Pretendo terminar o meu até o final do ano. Já escrevi algumas coisas sobre a escola e gostaria de enviar para vocês lerem e me dizerem o que acharam.

Vou mandar junto com a próxima carta.

O relato da Leôni foi super importante. Vai ser ótimo se outras professoras puderem mandar, também, seus relatos. Quanto mais informações, mais rico será o histórico do Dom Abreu, que iremos contar.

Costumo de saber como está a escola nesse início de ano letivo. Alguma mudança? Receberam alunos novos? Alguns se evadiram? E os alunos com deficiência, quantos são atualmente? Como eles estão? Foram aprovados?

Hoje vou ficando por aqui. Espero o retorno de vocês. Até uma vez, obrigada pela parceria.

Um beijo a todos e um ótimo ano letivo.

Rosana

09-05-06

Rosana

Oi, tudo bom?

Consegui alguns relatos de professores, os quais estou mandando.

Espere que sejam úteis para o teu trabalho.

Belia, descobri que tenho um rádio gravador que ainda funciona. Vou tentar gravar algumas falas para te mandar.

Aguarde para os próximos dias.

Abraços

Jaqueia

As professoras estão aguardando

o teu retorno sobre o que elas escreveram. Pode mandar para o meu endereço que eu entrego para as professoras.

ds. Não repare os erros de concordância e a letra. Estou escrevendo no horário depois do almoço, quase retornando p/ a escola.

Porto Alegre, 12 de maio de 2006.

Olá Vaneza, tudo bem?

Fiquei muito feliz em receber as cartas de vocês. Chequei de viagem na quinta-feira de madrugada, cansada, mas quando vi as cartas fui logo ler as novidades. Cada vez que recebo as cartas sinto-me revigorada para seguir em frente com o meu trabalho. Espero não estar sobrecarregando vocês.

Gostei muito do relato das professoras e vou responder separadamente para cada uma delas. Poderias entregar a elas?

Estou querendo muito fazer uma visita para vocês aí na escola e, quem sabe, conhecer pessoalmente as professoras que me escreveram e que eu ainda não conheço. Gostaria muito de ir num final de semana, quando ocorrem os projetos que elas relatam. Será que é possível? Vou te ligar para ver se conseguimos combinar, certo?

Um beijo e muito obrigada por enviar as cartas.

Rafana

P.S.: Vaneza, eu gostaria muito de poder continuar me correspondendo com as professoras. Caso elas arrumem um tempinho para me responder, poderiam recolher as cartas e me enviar, por gentileza? Beais uma vez, muito obrigada!



bacharelina do Sul, 08 de maio de 2006.

Oleí Paraná!

Como estás!

Aqui vamos todos bem, já estamos com o ano letivo bem adiantado.

Faz algum tempo que estou para te escrever, hoje tive este tempo.

Este ano estamos com novos Projetos na escola, procurando envolver a comunidade escolar - Projeto Dora em Ação - que proporciona a toda comunidade trabalhar um sábado por mês esportivo (com esportes variados); um domingo por mês "Domingo na Escola", com apresentações artísticas, música, serviços sociais (corte cabelo, manicure...) Clube de Mães, Projeto A Família na Escola com palestras informativas, dinâmicas de grupo...

Dentro do Projeto de Valorização e Resgate da Cultura Afro, iremos desenvolver uma oficina por mês, além do trabalho realizado nas salas de aula.

Este ano foi implantado o Ensino Fundamental Noturno, que antes funcionava como Projeto EMJA até a 4ª série, estamos com turmas de alunos de 1ª a 7ª série. Também estou coordenando este trabalho, é uma experiência diferente que eu nunca tinha tido antes. Estou gostando muito, pois trabalhamos com jovens e adultos em sua grande maioria, alunos com propósito de estar aqui, aproveitando bem as aulas, a oportunidade de que eles têm de completarem o ensino fundamental em menos tempo e a matrícula é por disciplina nas séries finais o que se torna

mais atrativo. O nosso grande desafio é fazer com que eles permaneçam na escola, pois é um horário em que competimos com a TV, filmes, novelas, jogos, o cli marrão, o descanso, os momentos com a família, por enquanto estamos conseguindo que eles tenham uma boa frequência. Proporcionamos para eles o Projeto "A Quarta é Nossa" - todas as quartas-feiras temos uma atividade diferente para os alunos em forma de oficinas práticas (trabalhos manuais, artesanato, culinária, palestras, vídeos, dinâmicas de grupo... Toda a 4ª é uma surpresa, a oficina que mais gostaram até hoje foi a que trabalhamos sobre os alimentos e depois fomos colocar em prática, cada grupo ficou responsável por um tipo de comida, um grupo fez um carreteiro, outro fez um bolo de casca de banana, outro fez suco de folha de couve com limão e um outro fez suco de beterraba com limão.

Depois degustamos todos juntos.

Foi muito lindo de ver aqueles jovens, idosos com a mão na massa.

Estas atividades são jóias, saímos felizes delas, eles nos surpreendem com a participação.

Um aspecto que a gente se surpreende é que apesar de eles serem adultos eles gostam de certas coisas que os pequenos também gostam, como o certo no caderno, o beijo na professora, aquela carência de afeto, de abraçar a professora, de tocar o sinal na entrada.

Eu sou uma pessoa apaixonada pela minha profissão, embora com os desafios, com as dificuldades, mas se tivesse que escolher novamente escolheria esta profissão, o olhar de uma criança, o carinho,

um beijo, um abraço, uma cartinha, um desenho  
que um deles me alcança, já valeu, já foi recom-  
pensada pelo peso da responsabilidade, dos desafios,  
dos problemas encontrados no dia  
a-dia.

Porana, por hoje é só, outro dia escrevo mais.

Tudo de bom para você.

Luzinete Balardin.

Porto Alegre, 12 de maio de 2006

Oi Eunice, tudo bem?

Adonei receber a tua carta. Achei maravilhosas a ideia do Projeto "A quarta é nossa". Como vocês tiveram esta ideia tão legal? Já conheciam alguma experiência deste tipo? Algum professor teve a ideia ou foi construída pelo grupo em alguma reunião de formação? Gostaria de poder continuar trocando algumas ideias por carta e saber mais detalhes do projeto. Pena que eu moro longe, pois gostaria de vivenciar com vocês esses momentos tão especiais.

Eu trabalhei durante alguns anos em uma escola estadual, no turno da noite. Já faz bastante tempo, mais de quinze anos, mas naquela época também tínhamos que competir com a TV, com o barzinho da esquina, com o futebol, etc. Na sexta-feira à noite, vários alunos faltavam à aula e, após o recreio, a escola parecia abandonada.

Infelizmente não tivemos a iniciativa ou a oportunidade de refletir sobre o motivo dessa evasão. Culparamos os alunos pela falta de interesse e não enxergávamos que era necessário fazer algo. Que bom que vocês se deram conta disso!

Adonei o Projeto Dom em Ação. Que legal! Parabéns! Como ele ocorre nos finais de semana, fiquei com vontade de ir aí para poder estar junto com os alunos e com vocês. Posso ir?

Eunice, gostaria de saber desde quando os Projetos acontecem e se já é possível perceber os resultados. Vocês observaram mudanças após a execução dos projetos envolvendo a comunidade? Quais? Gostaria de me encontrar pessoalmente com vocês e poder conversar sobre estas questões.

Conversei com a Vaneza sobre a possibilidade de eu ir até aí para estar com as professoras numa das reuniões de formação. Para mim seria ótimo vivenciar um desses momentos. Vamos ver se conseguimos fazer isso ainda no primeiro semestre?

Hoje vou ficando por aqui. Agradeço a tua colaboração e espero que possamos nos reencontrar em breve. Se tiveres tempo, me escreve. Parabéns pelo trabalho realizado na escola.

Um beijo,

Rosana

## Rozana

Meu nome é Michela Fortes Abadala, sou professora da rede pública municipal na zona rural e urbana, trabalho com alunos de 5<sup>ª</sup> a 8<sup>ª</sup> série, alunos carentes sentimentalmente e economicamente.

Procuro realizar um trabalho, onde o aluno possa usar no futuro principalmente: organização do material, pontualidade, respeito ao outro. Como trabalho procuro olhar os cadernos, quase que diariamente, a entrega dos trabalhos em dia (de: os que não entregam no dia, converso individualmente, para que no próximo não ocorra atraso).

Hoje em dia podemos notar claramente que ninguém respeita mais ninguém, sempre delirando dos colegas por causa de uma roupa, cabelo, se é gordo, por qualquer dificuldade que o colega tenha, já via zangação dentro da sala.

Dentro desse dois meses trabalho procurei diversificar a metodologia: já realizei elaborações de cartazes, aulas dialogadas e expositivas, passeios no pátio de escola, pesquisa em livros (para aprenderem a procurar e ler o conteúdo resumindo quadros, giz, lâminas, as provas uma (6<sup>ª</sup> série) foi interativa onde a turma foi dividida em dois grupos, onde responderam total de 55 questões cada grupo. As provas de 7<sup>ª</sup> e 8<sup>ª</sup> série fiz objetiva com 20 questões, só que as respostas estavam marcadas e eles não perceberam, eram três provas diferentes a prova 1A eram todas respostas "a" corretas, a prova 1B todas "b" e a 3<sup>ª</sup> prova 1C eram todas "c" corretas. Todos foram muito mal as perguntas eram claras e trabalhadas em aula, de 102 alunos só 1 aluna percebeu a brincadeira depois que já tinha feito toda prova ela achou coincidência coincidência e viu no cabeçalho da prova. Quando entreguei a prova e expliquei o que tinha ocorrido os ~~malta~~ malandros ficaram indignados, foi clara a reação deles na aula.

Dificuldades ~~de~~ para fazer a turma ficar quieta para eu como professora explicar o conteúdo no início foi difícil, ainda não consegui chegar nenhuma conclusão, mas procuro pesquisar novas técnicas ou atividades práticas para

desenvolver as habilidades de cada aluno. Pra alguns uma técnica dá certo e pra outros tem que ser outro tipo. Nunca tinha trabalho com crianças portadoras de deficiências física ou mental. No início é complicado, fiquei perdida no início de como ensinar e como avaliar.

Sou muito exigente de minha parte, procuro estudar muito e pesquisar o melhor para meu aluno.

Acredito que eles têm alguns provito para o futuro profissional: entregar o trabalho em dia, no meu ponto de vista é a mesma coisa de chegar no horário no seu trabalho. Ser organizado com seu material de estudo e o mesmo no seu serviço. Procuro mostrar e relacionar isso na sala de aula. Tudo é difícil, sempre vamos encontrar obstáculos, mas a coragem de enfrentar e seguir o caminho pouco não ter persistência.

Espero ter ajudado neste trabalho, que podem contar comigo sempre.

Beijos  
Michela

02/05/06.

Ponto Alegre, 12 de maio de 2006.

Querido Michael, tudo bem?

Fiquei muito contente em receber a tua carta e contar com a tua participação no trabalho. Achei muito interessante o teu relato e fiquei curioso para saber com qual disciplina trabalhas e há quanto tempo estás dando aula no Bone Abreu. Sou professor de Matemático. Será que trabalhamos com a mesma disciplina?

Percebi, no teu relato, uma preocupação em buscar novas possibilidades de avaliar e de ensinar os alunos. Parabéns por ser um professor tão empenhado. Não é uma tarefa muito fácil, mas a gente vai tentando, né? Algumas vezes, dá certo, outras não, mas o importante é estarmos sempre buscando realizar um trabalho de qualidade, que contemple os interesses e possibilidades de cada um dos nossos alunos.

Relataste uma prova diferente que fizeste com os alunos. Eu gostaria de saber como funciona a avaliação aí na escola. Existe um padrão ou cada professor tem autonomia para fazer de sua maneira? Como vocês avaliam o progresso dos alunos? Será que terias um tempo para me escrever? Eu iria adorar, mas vou compreender se não puderes. Sei como é corrido o nosso dia-a-dia.

Comentaste, também, que tiveste uma aluno com deficiência. Como foi a experiência? Poderias me contar? Que deficiência ele tinha? Como trabalhaste com ele? Qual a idade dele? Em que série estava? Como foi o relacionamento dele contigo e com os colegas? E a aprendizagem-



gem dela? E a avaliação? Nossa, quantas perguntas!  
Agradeco se puderes me contar um pouco dessa  
história.

Micaela, gostaria muito de te conhecer pessoalmente. Já estive na escola algumas vezes, mas não foi possível conhecer todo o grupo. Algumas professoras estavam em aula, outras não estavam na escola. Conversei com a Vaneza para ver se é possível eu ir aí ainda neste semestre. Espero poder te encontrar.

Hoje vou ficando por aqui. Parabéns pelo trabalho que realiza e obrigado pelo relato. Espero que possamos continuar trocando ideias por carta ou, quem sabe, pessoalmente.

Um beijo e até breve!

Parana

## Resana

Nos preparamos para sermos professoras,  
quanta teoria.

Chega o momento de estarmos em  
sala de aula, alunos cada um trazem  
do na bagagem a sua realidade.

E junto deles está aquele aluno  
portador de alguma deficiência.

Você pensa... Será que darei  
conta? Terá que fazer algo diferen-  
ciado?

Perguntas, preocupações, ansiedades.  
Isto acontece no primeiro momento,  
mas quando você sente que está no  
lugar certo, fazendo o que gosta,  
com apoio e colaboração de todos,  
as coisas acontecem.

Sou professora das disciplinas  
de português e inglês.

Tive a oportunidade de ensinar  
alunos portadores de algum tipo de  
deficiência.

No momento tenho a aluna  
[REDACTED] de 20 anos, na sexta-série,  
que possui Síndrome de Down.

As dificuldades maiores que  
encontrei foram mantê-la em sala  
de aula e fazer com que parasse  
de avançar folhas do seu caderno  
no, com os conteúdos trabalhados.

Pedi que trouxesse um caderno  
para ambas disciplinas.

O conteúdo trabalhado em  
aula, transcrevo no caderno com  
antecedência, ela faz, recolho e

corrijo. Na próxima aula tudo novamente.

Funcionou, ela cuida e quando esqueço de recolhê-lo ela faz que-  
sas de entregá-lo no dia seguinte.

Os colegas gostam de olhar e  
ajudam-na a fazer os exercícios.

O resultado foi que ela  
tornou-se mais motivada, par-  
ticipativa e responsável, é um  
avanco e ambas estamos or-  
gulhasas deste progresso.

Acredito que todo professor  
deva sentir-se recompensado de  
passar pela experiência em traba-  
lhar com a inclusão.

Além do crescimento pessoal po-  
der ajudar alguém a socializar-  
se e ver o resultado depois.  
É gratificante.

Atenciosamente

Cliane Teresinha Bastro da Fonseca.

04/05/06

Porto Alegre, 12 de maio de 2006.

Querida Eliane, tudo bem?

Fiquei muito contente em receber a tua carta. É muito bom ler relatos de professores que demonstram estar felizes com o seu trabalho, apesar de todas as dificuldades que são enfrentadas no dia-a-dia. Percebi isso no teu relato. Parabéns!

Relataste o teu trabalho com uma aluna e me parece que o apoio do grupo é fundamental quando nos sentimos desafiados por uma situação nova que se apresenta. No teu caso, este apoio é dos colegas e equipe ou recibes apoio por parte da família? Poderias falar um pouquinho sobre esse apoio? Será que consegues um tempinho para continuarmos conversando?

Como és professora de Português e tens uma aluna com síndrome de Down, gostaria de dividir contigo o relato que ouvi de uma mãe de um adolescente com síndrome de Down, que está no 1º ano do ensino médio. Ele realizou uma prova de Português e errou a maioria das questões. A prova estava toda marcada com "x", em vermelho. Ele ficou bastante chateado, chegou a esconder a prova da mãe. A auto-estima deve ter ficado lá embaixo, pois alguns dias depois da prova ele comentou que um dia iria saber tudo que seus colegas sabem. Numa das questões da prova, a professora pediu para separar as sílabas das palavras sublinhar. Ele errou, pois respondeu su-bli-nhar, e recebeu um "x" em vermelho. A mãe do menino ficou se

questionando se as pessoas saberiam dar a resposta correta. Resolvi perguntar aos seus alunos da faculdade. Nenhum acertou. Todos responderam que era su-bli-nhar, com exceção de uma aluna que respondeu que era su-blinhar.

Estou compartilhando contigo este fato, pois como professora de matemática, ouço muito as pessoas me perguntarem para que serve a maioria dos conteúdos que são trabalhados na escola. Ou, ainda, que diferença fará na vida de um aluno se ele souber ou não determinado conteúdo.

Gostaria de saber o que pensar sobre isto. Te agradeço se puderes compartilhar comigo esses conhecimentos que a prática docente didática com alunos com ~~ou~~ sem deficiência tem te ensinado.

Hoje vou ficando por aqui. Gostaria muito de te conhecer pessoalmente. Estou agendando com a Vaneza a minha ida à escola. Quem sabe poderemos, então, nos conhecer.

Um beijo e obrigado pelo relato.

Fosane

Rosana

Aqui vai a fala da professora  
Jaqueline

Via diretora

Seu responsável por colaborar na parte pedagógica e administrativa da escola. Embora me identifique com o pedagógico colaboro com a Formação Continuada, o trabalho junto com os professores e com os alunos.

A escola tem uma característica que acredito ser muito positiva, que é o trabalho em grupo por isso colaborei com o BOE, Biblioteca, Supervisão, Secretaria etc.

Este ano estou trabalhando c/o Projeto da escola, cada projeto tem um ou mais professores responsáveis, eu sou responsável por auxiliá-los, incentivá-los e questionar quando algum projeto não está funcionando conforme o esperado.

Colaborei na parte administrativa no que se refere ao corpo docente e discente (horário, faltas, videtes etc...)

Uma maior dif. é o fato que eu gosto mais da parte pedagógica, acabei me envolvendo mais e este setor e tenho q. me dedicar para realizar as atividades administrativas.

Tb auxiliei o grupo de dança e q. do formamos grupo de teatro.

Acredito que o deficiente consegue não só, que o seu docente fosse respeitado mas fazer com que todos respeitassem em suas opiniões, suas opiniões e mudassem esses paradigmas não só na vida profissional como particular. Para o deficiente observamos claramente o progresso em habilidades, potencialidades, na sociabilidade e cognitivas. A cada dia temos novos debates sobre cada situação que envolve a educação (como avaliar

quando realmente o aluno aprendeu etc...) e já temos consciência que em educação não existe certezas, nem verdades, a cada situação, a cada turma ou cada aluno temos desafios a superar e transformar, o principal é termos a humildade de reconhecermos a necessidade de mudança e, como ponto forte da nossa escola, o trabalho em grupo, uma fortalecendo e dando o apoio necessário a outra.

Hoje a escola questiona-se quanto ao excesso de conteúdos e as poucas atividades práticas, onde o aluno vivencia a aprendizagem. O grupo, amadurecido reconhece a necessidade de mudança e certamente, com essa formação continuada e nossos "melhores deste papo" na Sala de Supervisão em breve o grupo estará realizando esta nova proposta com a excelência das "Douradas".

Joaquim Loucalves  
04.05.06

Dona Abreu

Ponto Alegre, 12 de maio de 2006.

Querida Jacqueline, tudo bem?

Tivei muito feliz em ~~receber~~ receber e ler seu relato. Deve ser muito legal trabalhar num ambiente como o que vocês têm aí no Dona, com uma equipe super unida e cheia de ideias ótimas sendo colocadas em prática. Ao ler os relatos de vocês fico me perguntando como vocês conseguem manter um grupo tão unido, uns apoiando os outros, com liberdade para expor suas dificuldades, ajudar e ser ajudado pelos colegas. Sabemos que isso não é comum de acontecer nas escolas. Como vocês conseguem? Sempre foi assim ou isso é algo que foi sendo conquistado pelo grupo? Como foi essa caminhada? Será que consegue um tempinho para me escrever? Eu ia adorar poder continuar trocando algumas ideias contigo.

Me parece que os Projetos e a Formação Continuada são um diferencial da Escola Dona Abreu, não? Com relação à Formação Continuada, sabemos que muitas escolas oferecem esse espaço aos professores, mas ele não é tão bem aproveitado como deveria. Me parece que aí no Dona, esses espaços são muito bem aproveitados. Por que será que isso ocorre?

Também gostaria de saber um pouco mais sobre os Projetos. Eles acontecem no horário de aula ou no turno inverso? Fazem parte do trabalho de cada disciplina ou substituem as disciplinas? Todos os professores e alunos participam? Nossa, quantas perguntas, né, Jacqueline? É que eu gostaria de conhecer bem como funcionam os projetos e como



se articulam com o trabalho de sala de aula.

Jaqueline, te agradeço muito se pudermos continuar trocando algumas ideias através de cartas ou, quem sabe, teremos a oportunidade de nos encontrar pessoalmente e conversar.

Estou planejando ir à escola ainda neste primeiro semestre. Tomara que consigamos nos encontrar e que consigas um tempinho para me escrever.

Um beijo e muito obrigado pelo relato.

Fosana

Cachoeira do Sul, 14 de maio de 2006.

Querida colega Rosana!

Em primeiro lugar quero pedir desculpas pela demora em responder a tua carta, devido a uma série de atividades e compromissos que me impediram de dedicar um tempinho para dar continuidade ao que combinamos.

Fiquei muito feliz com tua carta e também por saber que as alunas da FAPA adoraram a apresentação que fizemos. Tem uma parte na tua carta em que tu falas que gostaria de me conhecer pessoalmente, mas nós já nos conhecemos rapidamente no dia da apresentação dos relatos sobre a nossa escola. Tu estava junto com a Vanessa, lembra? Aquele dia foi muito especial, falei com o coração de coisas que acredito que podem ajudar o ser humano a construir a sua história e o seu crescimento pessoal e, nós como educadoras devemos espalhar a semente da perseverança, da autoestima e da positividade na certeza de que a educação é o caminho mais seguro na construção de uma sociedade mais justa e humana.

Dois mil e cinco foi um ano de muitos desafios para a nossa escola e, graças ao trabalho de comprometimento dos professores, podemos dizer este ano foi o melhor, numa retrospectiva de 10 anos, em termos de resultados positivos na aprovação dos alunos. Hoje a nossa escola é citada não como modelo, mas como exemplos de como a postura e ação pedagógica dos professores dentro de uma tarefa de responsabilidade na reorganização de suas práticas pedagógicas e principalmente na forma de avaliar, acredito que esses fatores foram funda-

mentais na obtenção desses resultados significativos, sem deixar de falar no caráter relevante da formação continuada que oportunizou momentos de estudos, ~~de~~ reflexões, planejamento e reorganização de atividades etc. No meu caso, a mudança foi mais centrada na forma de avaliar e na análise dos resultados obtidos e a partir daí estabelecer estratégias mais adequadas de modo a ajudar o aluno a concretizar uma verdadeira aprendizagem. No entanto, na dinâmica do cotidiano aportei minhas fichas na realização de atividades abertas (em que o aluno contribuiu no grupo com suas habilidades mais favoráveis).

Eu considero a formação continuada um espaço muito importante, onde ocorre a reflexão e estudos de temas relacionados com a prática diária. A partir daí, podemos ~~nos~~ reorganizar e nosso fazer pedagógico. Quanto a hora atividade é assim: temos direito, aqui nas escolas municipais de 4 horas semanais. Nesse período os alunos ficam com outros professores especializados de Educação Física e Educação Artística, Saúde ou Hora do Conto enquanto que os professores que trabalham nas demais disciplinas ocupam esse espaço de tempo para estudos de formação duas vezes no mês e e nas outras semanas para planejamento e organização de material. Os professores que trabalham com as ~~duas~~ disciplinas citadas acima, também têm direito, porém, em outro dia.

Para dois mil e seis os desafios são bem mais difíceis, porque queremos garantir o mesmo sucesso do ano anterior. Não é impossível? Mas será que vamos conseguir? Será que as mesmas estratégias poderão ser usadas ou servirão de uma base para elaboração de novas possibilidades? A única certeza que tenho nesse momento

é de que estou comprometida em fazer de tudo o que for possível para garantir o mesmo êxito de 2005, e ainda terei que fazer muito mais ainda porque todos os problemas da sala de aula são frutos dos desajustes familiares em que as crianças se encontram. Minha turma desse ano é muito problemática sendo que é notável o reflexo da violência, das drogas, do álcool, do abandono, da rejeição da falta de carinho dos pais etc. e, é por isso que as crianças são agressivas, sem limites, rebeldes, inquietas porque nenhum deles vem de um ambiente tranquilo, equilibrado. Com ajuda de Deus e das colegas que espero vencer as dificuldades...

Um abraço da colega:

Leôni Beatriz

: Boa tarde do Sul, 24 de abril de 2006.

Querida Rosane

Tudo bem? Peço desculpas por não ter escrito antes. Estava na correria de início de ano.

Os resultados de 2005 foram muito bons e conseguimos um bom índice de aproveitamento. Apenas 6 alunos foram reprovados. Isso aumenta nossa responsabilidade frente ao trabalho que realizamos, pois não podemos deixar de lado estes alunos e também fazer com que os demais consigam continuar apresentando sucesso na aprendizagem. Recebemos um ofício do Secretário de Educação nos parabenizando pela melhoria no índice geral de aprovação. (em anexo).

Estamos conseguindo reconhecimento do trabalho realizado. Antes a nossa escola era conhecida como uma escola onde estudavam os filhos de desempregados, bademeiros e apenados. Hoje já são vistos pela sociedade com outros olhos. A questão da violência que antes fazia parte do dia a dia, relato de algum fato do bairro, hoje já não aparece mais se manifestando em outros bairros da cidade.

Do mês passado recebemos 5 computadores doados pelo Igarais (Porto Alegre). No fim de ano de 2005 elaboramos um projeto e enviamos a agência.

28/08/06

Como já comeci a escrever em abril. O tempo foi passando e não dei continuidade:

Que vergonha!

Com a chegada dos computadores foi possível colocarmos em prática o nosso projeto do Laboratório de Informática, restauração de peças de computadores danificados para reaproveitar.

tamento de peças, parceria com voluntários, bon sequins em espírito do exército que está em licença que se dispõe a trabalhar conosco durante esta semana na restauração, manutenção de computadores, reformas de classes e casas, atendi também a comunidade, alunos e professores dando noções de informática. O professor responsável pelo projeto de informática é a vice-diretora Jacqueline Soares que desenvolve as aulas junto aos alunos, enquanto que o voluntário desenvolve as aulas para jovens de comunidade e professores que desejam aprender noções de informática.

O projeto Valorização e Orgulho Cultural Afro tem como objetivo qualificar e proporcionar aos educandos a valorização de sua etnia e de sua cultura para que assim possam uma auto-estima positiva, sendo capaz de participar, atuar e transformar sua vida e realidade, bem como a realidade na qual estão inseridos, atividades a ser realizadas no projeto: - Desenvolvimento de conteúdos sobre a cultura e valorização da Etnia Negra através de atividades em sala de aula, debates, debates, grupos de dança afro, painéis, sessões de vídeos educativos, teatro de trabalho afro. A partir deste projeto surgiu o projeto de oficinas da cultura negra, que conta das seguintes oficinas: culinária afro-brasileira, cultura afro-brasileira e seu fundamento histórico e geográfico, dança afro-brasileira, artesanato e bordado, adorno africano, e beleza afro-brasileira valorização e orgulho.

Projeto Hora em Ação: Tem finalidade de abrir espaço para a comunidade proporcionar momentos e lazer aos pais para que possam transmitir ao filhos, proporcionar aprendizagem de trabalhos artísticos que sirvam para incremento da renda

familiar, realiza a cidadania. Este projeto é desenvolvido em um sábado por mês: dança, Futebol (masculino e feminino), Vôlei (masculino e feminino), Capoeira, Artes, um domingo por mês: apresenta: cost., artes, oficinas de G.V.A e pintura, manicure, cabeleireiro, bon, bon.

Uma vez, no semana: Clube de mãe, uma vez, na semana: Informática; uma vez por mês: Família na Escola (palestras).

Projeto Saúde na Escola: tem como objetivo geral proporcionar aos alunos orientações sobre higiene pessoal, alimentar, sexual e ambiental; conhecer e respeitar o próprio corpo e os corpos de outros; reconhecer hábitos de higiene; participar de campanhas educativas; participar de palestras sobre o uso indevido de drogas.